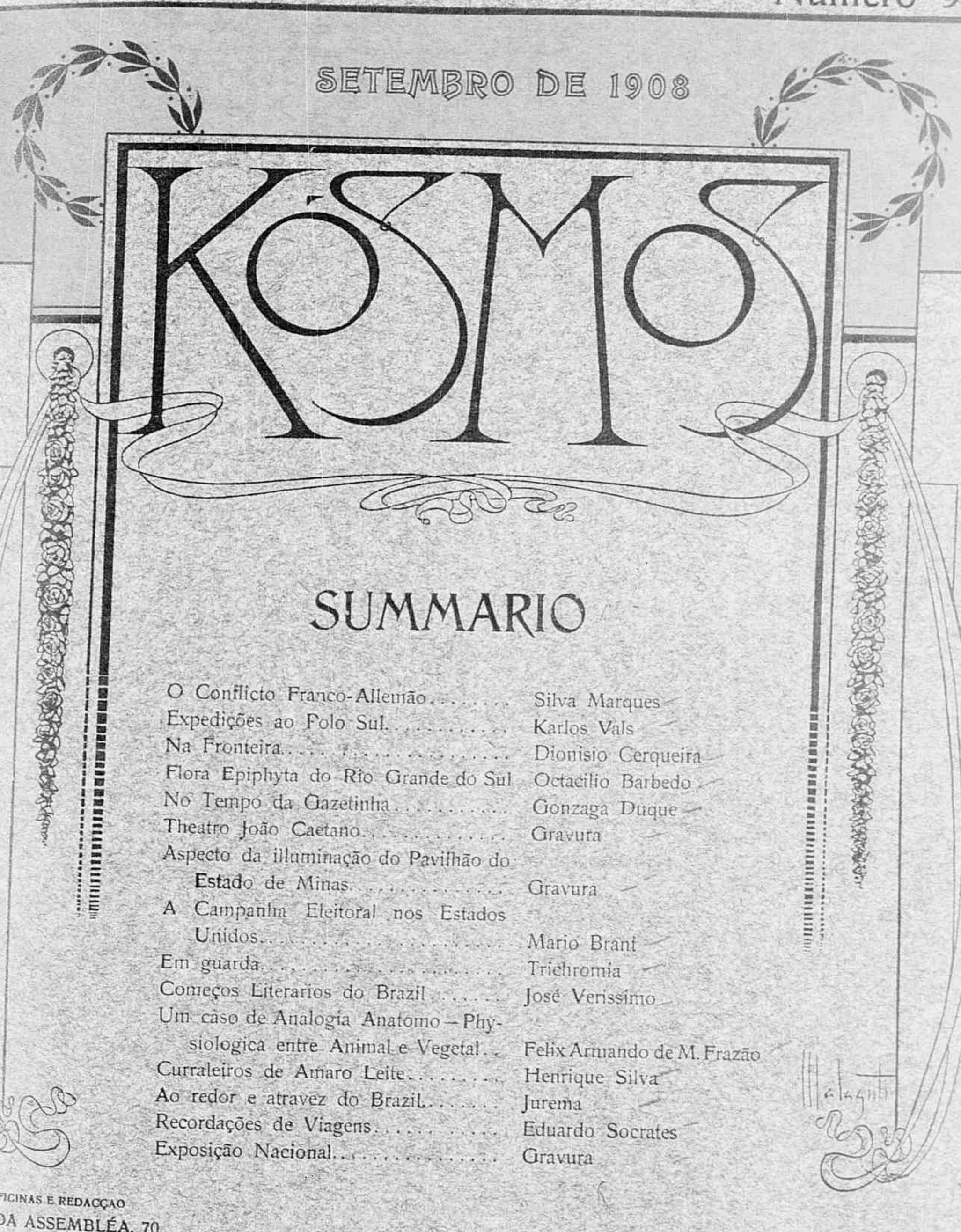


SETEMBRO DE 1908



# KOSMOS

## SUMMARIO

O Conflictio Franco-Allemão.....	Silva Marques
Expedições ao Polo Sul.....	Karlos Vals
Na Fronteira.....	Dionisio Cerqueira
Flora Epiphyta do Rio Grande do Sul	Octacilio Barbedo
No Tempo da Gazetinha.....	Gonzaga Duque
Theatro João Caetano.....	Gravura
Aspecto da iluminação do Pavilhão do Estado de Minas.....	Gravura
A Campanha Eleitoral nos Estados Unidos.....	Mario Brant
Em guarda.....	Trichromia
Começos Literarios do Brazil.....	José Verissimo
Um caso de Analogia Anatomo — Phy- siologica entre Animal e Vegetal.....	Felix Armando de M. Frazão
Curraleiros de Amaro Leite.....	Henrique Silva
Ao redor e atravez do Brazil.....	Jurema
Recordações de Viagens.....	Eduardo Socrates
Exposição Nacional.....	Gravura

# A Equitativa

DOS

Estados Unidos do Brasil

**SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS  
SOBRE A VIDA**

Autorizada a funcionar pelo decreto  
n. 2245 de Março de 1896

**SEGUROS DE VIDA  
TERRESTRES E MARITIMOS**

Negocios Realizados:

Rs. 200.000:0 0\$000

Sinistro pagos:

Rs. 5.000:000\$000

Fundos de Garantias e Reservas:

Rs. 8.000:000\$000

APOLICES COM SORTEIO SEMESTRAL  
EM DINHEIRO

**Ultima Palavra em Seguros de Vida**

INVENÇÃO EXCLUSIVA DA  
**EQUITATIVA**

Os sorteios tem lugar em 15 de Abril  
e 15 de Outubro de todos os annos

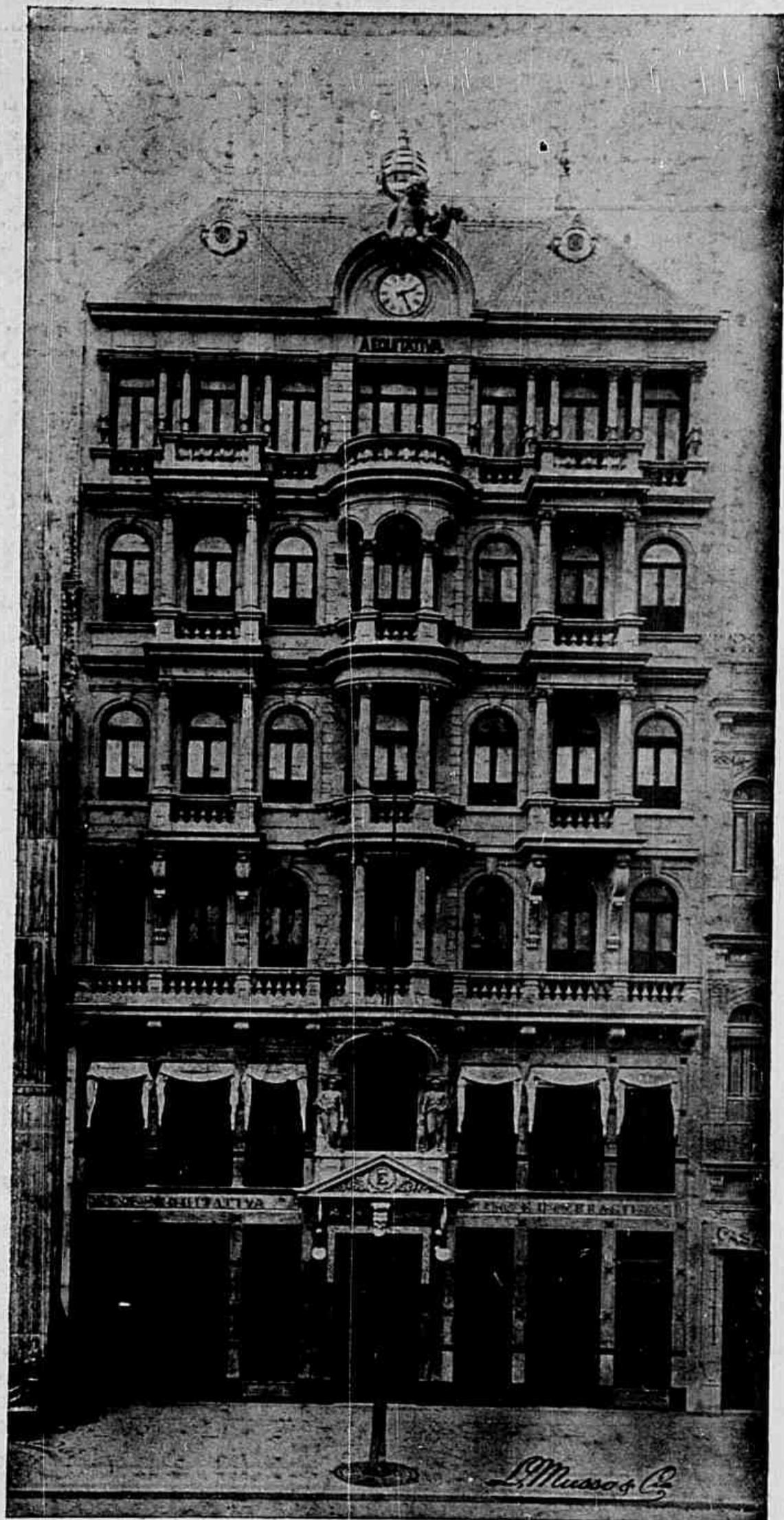
Agencia em todos os Estados  
da União e na Europa

**PEDIR PROSPECTOS**

Edificio de sua propriedade

**125, Avenida Central, 125**

RIO DE JANEIRO



# L. MUSSO & C.

PHOTOGRAPHS

10 — Rua da Urugayana — 10

RIO DE JANEIRO

Ultima Novidade Photographica  
Retratos em côres (Monocromos)  
de bellissimo effeito e inalteraveis.

## LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Extracções publicas á Rua Visconde de Itaboraahy 45, presididas  
pelo Sr. fiscal do governo da União e com a presença de um director da Companhia  
Caução depositada 500:000\$000 em apolices federaes

**Extracções ás 2 1/2 e aos Sabbados ás 3 horas**

O pagamento de qualquer premio será feito no acto de sua apresentação, na thesouraria  
da Companhia ou em qualquer de suas Agencias.

**SABBADO — 19 DE DEZEMBRO — SABBADO**

**Grande e extraordinaria Loteria do Natal**

173 — 2º

Por 31\$500

**500:000\$000**

Por 31\$500

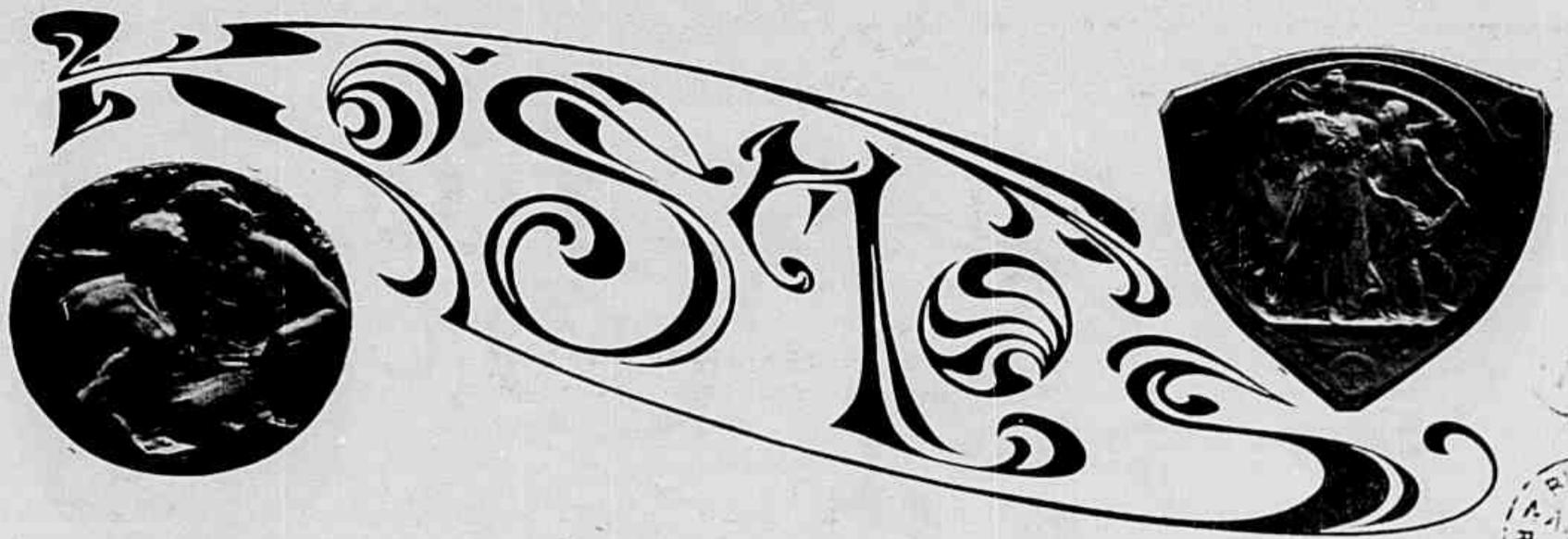
CAIXA POSTAL N. 41

**88 — Rua Primeiro de Março — 88**

RIO DE JANEIRO

Agentes NAZARETH & C.

Rua Nova do Ouvidor, 14



## REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario  
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL

INTERIOR. . . . 20\$000      EXTERIOR. . . . 25\$000  
NUMERO AVULSO 2\$000 — ATRAZADO 3\$000

Redacção e Officinas

RUA DA ASSEMBLÉA, 70  
RIO DE JANEIRO

ANNO V

SETEMBRO 1908

N. 9

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

### O CONFLICTO FRANCO-ALLEMÃO

**A** EXCUMUNHÃO lançada por Max Nordau sobre a raça latina, no seu famoso crepusculo dos povos parece condemnada, como todas as excumunhões, a proclamar na propria impotencia a vitalidade crescente da grande excumungada.

Mesmo o touro gaulez, cujo cansaço, adquirido nas correrias napoleonicas e nas aventuras do segundo imperio, determinou a ousada sentença do melancolico propheta da degenerescencia, já não justifica o desejado aniquillamento dos povos neo-latinos em beneficio da raça saxonía.

O tempo vae demonstrando que não ha predominio possivel duma raça sobre a outra.

Ainda agora, a proposito do conflicto entre a França e a Allemanha sobre o incidente de Marrocos, o recúo do governo de Berlim, em contraste com a primeira attitude, é caracteristico.

Si é facto que as nacionalidades neo-latinas só existem em aggremações desvinculadas, annunciando a propria dissolução, a Allemanha perdeu sem duvida uma excellente oportunidade de cimentar para sempre, com pequeno sacrificio, as conquistas territoriaes com que

alongou os seus dominios, após a obra de unificação nacional.

O interesse com que ella procurou um pretexto para esmagar a França sob o reinado infeliz de Napoleão III, a ponto de levar Bismarck a falsificar o celebre despacho de Ems que motivou a guerra, ainda subsiste, e agora mais do que nunca, interessando os seus altos destinos.

Tratava-se então de ultimar a obra de unificação, e como a situação de esgotamente em que se achava a França era uma garantia de facil victoria, o famoso chanceller não esperou que os acontecimentos offerecessem na sua marcha natural um motivo plausivel para a guerra, e tramou a celebre emboscada, deturpando o despacho de Guilherme I sobre a questão suscitada entre os dous governos a proposito da successão ao throno de Hespanha.

Agora, o interesse da Allemanha em acabar de vez com as veleidades de revanche que posam justamente animar a França, é ainda mais patente.

Alem da necessidade para ella de consolidar a obra de unificação politica, de que depende a sua importancia como potencia de primeira ordem existe tambem o interesse de maxima significação, de conservar sem receio de eventualidades futuras, a extensa facha de terreno arrebatado a sua rival, em momento de crise perfeitamente explicavel.



Si fosse verdadeira a afirmação do propheta Nordau, si, com effeito tivesse soado para as nações latinas a derradeira hora, é bem claro que a poderosa Allemanha não teria perdido a oportunidade que lhe offereceu o incidente de Casa Branca para oppor o seu predominio sobre a raça condemnada, esmagando-lhe a cabeça com pequeno e definitivo esforço.

Mas não chegou ainda a hora fatidica do annunciado crepusculo que deve derramar as primeiras sombras sobre os generosos descendentes da Loba fecunda, e a prova de que é falsa a famosa prophecia, está na propria attitude da Allemanha, deixando passar o momento azado para transformar o crepusculo em completa obscuridade.

É porque razão não quiz o ambicioso imperio saxonio justificar a audaciosa afirmação do seu propheta? Por generosidade? Desgracados dos povos fracos si tivessem de confiar em razão de tão fraca consistencia! A Allemanha recuou porque não confiava na victoria e porque sabia que a França de hoje não é mais a França de ha trinta e oito annos.

É não é só a França que neste momento attesta á virilidade da raça latina, após um curto periodo de abatimento. Ha um exemplo mais frisante dessa pujança negada pelo espirito saxonio: É a Italia que resurge. É de que modo resurgiu esse povo emaranhado na politica clerical, na politica do goso e do jesuitismo? Por uma serie de heroismos de que não são capazes as nacionalidades condemnadas ao eclipse da historia.

Logo que é possivel oppor a impassibilidade do marasmo o espirito nobilitante da reacção, não ha mais principes, nem nobres, nem padres, nem burguezes, nem camponeses, nem piemontezes, nem lombardos, nem toscanos.

Todas as antigas divisões, todas as antigas disputas cáem por si mesmas ao sopro da revolução, para dar lugar a um unico pensamento, o pensamento da nacionalidade, a um unico povo, o povo italiano. O appello ao patriotismo vae a todos os cantos da Italia fragmentada, e a Italia de pé, da Calabria até a Saboia, marcha de carabina ao hombro contra o exercito austriaco abroquelado nas montanhas do Tyrol. O rei de Napoles, não obstante a sympathia que mostra pela Austria, envia um exercito á Lombardia. O grã-duque da Toscana faz calar o grito do sangue nas proprias veias, e estende os seus regimentos sobre as margens do Adige.

O papa, apesar das responsabilidades que pezam sobre o chefe da christandade, intima o gabinete austriaco á evacuar a Italia. É um movimento de alma latina que o espirito de seita paralysa pouco depois, forçando-o a parar diante da revolução que elle mesmo havia des-

encadeado. O chefe da egreja treme diante da liberdade; lança a encyclica de 26 de Abril, porque tem horror ao sangue derramado, faz voltar o seu exercito no momento em que a Austria se volta contra o Piemonte, e despede Mammiani, ministro liberal, para substituil-o pelo Conde Rossi.

Pio IX escolhe assim, em plena effervescencia dum movimento nacional, justamente o homem menos nacional da peninsula.

Napolitano na Calabria, Suisso em Genebra, francez em Paris, toscano na primeira assembléa de Florença, romano nos salões do Vaticano, o Conde Rossi não representava aos olhos dos italianos sinão um novo genero de patria, a patria do salario. Cidadão viajante de todos os Estados, servia indifferentemente, conforme as circumstancias, á republica ou a monarchia; republicano de passagem em Genebra, realista de occasião em Paris.

Foi esse o ministro que que Pio IX chamou para seu guia nessa hora funebre, nessa hora perturbada pela derrota, em que a alma popular vê fluctuar por toda parte a sombra da traição; era denunciar de ante-mão o conde Rossi ao furor do partido revolucionario, como um desafio vivo a ideia de independencia.

Por sua vez o ministro nada faz para desarmar a colera da população romana; affecta a physionomia impassivel do absolutismo e paga com a morte o gesto de resistencia.

No dia seguinte a população romana proclama a republica e o papa deixa a cidade eterna. Mas apenas a repnblica franceza, entregue aos reaccionarios, sabe da existencia da republica romana, envia uma esquadra a Civita-Vecchia, para destruil-a. Roma é invadida, atacada, bonbardeada, redusida a fome, e resiste com heroismo, até que se vê forçada a ceder diante do numero. O exercito francez penetra na cidade, expulsa a constituinte do Capitolio, anniquilla a republica, e envia ao papa as chaves da capital. Doloroso epilogo para um movimento nacional! Si o povo que o experimentou depois duma resistencia heroica, não possui mais o espirito de nacionalidade, só lhe resta cruzar os braços e esperar a morte como o selvagem fatalista diante do perigo irresistivel.

Mas não. As nações para serem fortes só têm necessidade de fé, fé religiosa ou fé civil. A Italia acreditava na grandeza dos seus destinos, e, derrotada na primeira investida, lança-se de novo á luta para conquistar a sua independencia. Desta vez não ha quem se opponha. Ella consegue a unidade nacional sem o papa e apesar do papa. A Italia existe enfim, una e grande, a despeito do espirito de reacção. Apenas o reino pontifical recusa-se a entrar na unidade da patria.



Mais um gesto e tudo estará feito. Perusa dá o exemplo, e Pio IX, que tinha horror ao sangue, quando se tratava do sangue austriaco envia o seu exercito contra Perusa. Esforço inutil. A Italia tinha chegado ao termo da luta, e a unidade nacional era uma realidade.

Apenas Roma permanecia fora da Communhão. Que valia porem uma cidade contra um povo unido? Ou teria que viver humilhada pelas baionetas estrangeiras ou seria forçada á ceder á razão tornando-se a capital livre de muitos Estados fundidos num Estado. Foi o que succedeu. E para provar que a raça latina não é uma raça condemnada a desaparecer, a Italia tem sabido honrar o esforço empregado para realisar a sua unidade nacional. O seu progresso em trinta e poucos annos de liberdade vale por um completo resurgimento. Forte como potencia militar, não se conserva estacionaria em nenhum dos multiplos departamentos da actividade humana. Na ordem material como no dominio do pensamento, elle pode hombrar desde já, guardadas as proporções, com as nações de origem saxonia que pretendem a hegemonia do globo.

Os seus artistas, os seus pensadores, os seus poetas não são em nada inferiores aos maiores artistas, aos maiores pensadores e aos maiores poetas da raça apontada como dominadora do universo.

Em pouco mais de quarto de seculo ella improvisou uma brilhante geração de estadistas e oradores, dominados pelo sentimento de democracia que tem de ser o ultimo credo dos povos de origem semelhante. A esse resurgimento é que convem o nome de renascença, impropriamente dando ao brilhante episodio da historia, caracterisando pela florescencia das letras e das artes, no começo do seculo XVI.

Uma raça que consegue fazer um tal milagre é uma raça que ainda tem muito a dizer sobre os destinos da humanidade.

E' loucura portanto formular theorias absolutas sobre a acção dos povos no concerto das civilisações.

Os que parecem vencidos para sempre, resurgem inesperadamente ao sopro duma ideia nova, como se deu com o Italia, redusida durante seculos a escravidão e a impotencia.

Os que tombam num momento de crise, esmagados pela força, como a França do segundo imperio, reerguem-se de novo, cheios de brilho e de vitalidade.

A ideia de oppor uma raça a outra e fazer della o arbitro do mundo não é em substancia mais do que uma derivante do choque de duas tendencias que se repellem, a tendencia libertaria que se impõe a todos os espiritos do occidente, e a que se esforça para voltar ao regimen politico que considera a autoridade como uma delegação divina.

Antes que Max. Nordau, o propheta allemão, se lembrasse da erigir o «crepusculo dos povos» em principio politico, já Thomaz Carlyle havia defendido o imperialismo, e pedido a Bismarck, numa famosa carta publicada no *Times* que aproveitasse a situação de inferioridade em que se achava a França para acabar de vez com a raça dos sonhadores. Carlyle e Nordau não pertenciam a raça latina, pregavam uma simples tendencia, e *pro domo*.

A historia contemporanea vae mostrando que elles não se firmavam sinão num simples desejo de impossivel realisação.

No conflicto das duas tendencias quem vae perdendo terreno não é a liberdade, é o imperialismo.

Si ainda vivesse o autor do «Culto dos heróes», é provavel que aconselhasse agora a Allemanha a aproveitar o incidente de Marrocos para realisar a sua theoria, annullando a acção da França no concerto europeu.

Mas acceitaria ella o conselho, fiada no crepusculo de Nordau e na theoria de Carlyle?

Provavelmente, não. E' melhor recuar do que desmoralisar uma doutrina politica.

A vantagem do incidente ainda assim foi grande. Elle veio provar que a raça latina, representada pela França não precisa tão cedo da tutela saxonia.

SILVA MARQUES.



## EXPEDIÇÕES AO POLO SUL

Foi a notável viagem feita pelo *Belgica* á terra de Danco e ilhas visinhas que abriu a era actual das expedições sul-polares. O navio de Mr. de Gerlache foi o primeiro que destinado a um fim exclusivamente scientifico, invernou nos gelos austraes, trazendo um farto cabedal de observações de magna importancia.

Pequeno, não deslocando mais de 244 toneladas, todas as despezas tendo de ser cobertas com a quantia de 345 000 francos que a tanto montaram os auxilios fornecidos ao corajoso explorador belga, modesta a expedição que não podia ser comparada por exemplo as do *Discovery*, ingleza e *Gauss*, allemã, esta ultima com

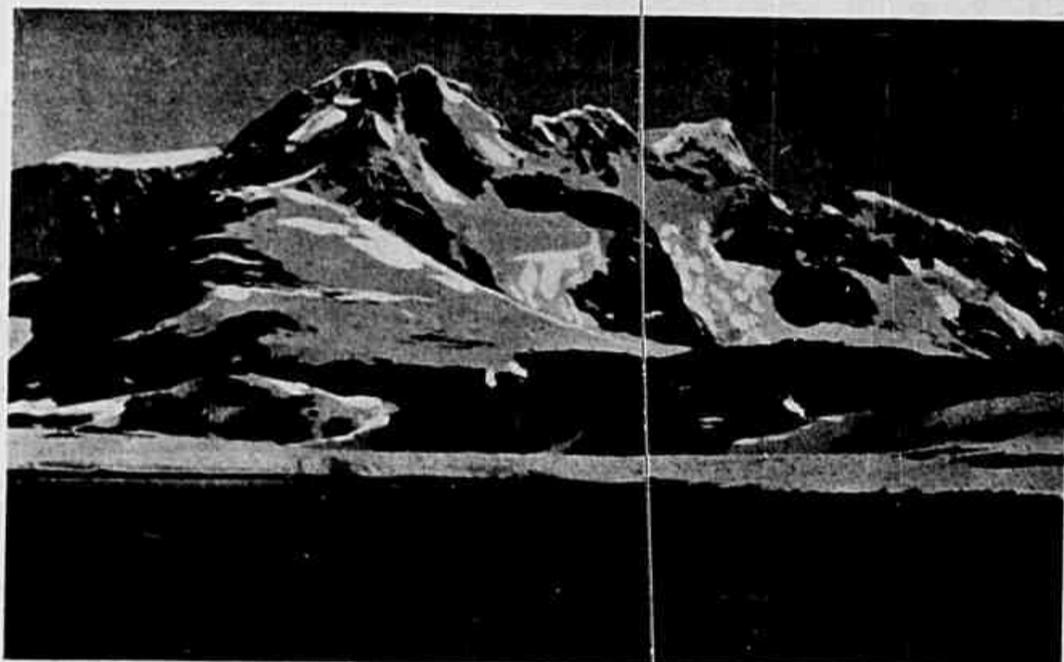


FIG. 1. — ILHA WANDEK

um auxilio pecuniario de 1.100.000 marcos, foi entretanto o navio belga o que mais fructos colheu de sua viagem ás desconhecidas regiões austraes.

Mr. de Gerlache em 1898, no *Belgica* fez a exploração detalhada do complexo de terras e ilhas situadas ao sul do cabo de Horn, alem das Shetland do sul, já visitadas outr'ora por Bellinghausen, Dumont d'Urville e Dalmann. Descobriu o estreito que tem hoje o seu nome entre a *Terra de Danco* e o archipelago chamado então de Dirck Gherritz; levantou a planta de suas duas margens tirando dellas muitas photographias; entrou depois a estudar a Terra de Alexandre 1º pelo lado sudoeste e ahi prezo o seu navio aos bancos de gelo, com elles derivou de 28 de Fevereiro de 1898 a 13 de Março de 1899, attingindo em 31 de Maio

de 1898 o ponto extremo sul de sua viagem, 70º 40'. O resultado dessa longa invernagem nos mares austraes foi de extraordinarios beneficios para a sciencia, como facilmente verificará quem compulsar o *Bulletin de la Societe royale belge de Géographie*, de 1900, onde se encontram as conferencias feitas pelos diferentes membros da expedição, como Arctowsky — *Geographia Physica* da região visitada pela expedição; Racowitsa — Resultados geraes da expedição antartica belga, e as obras especiaes sobre a viagem, de Cook — *Trough the first antartic night* e Gerlache — *Quinze mois dans l'Antartique*.

A curiosidade provocada por essas observações levou varios exploradores ás regiões antarticas.

Em 1902 — 1903 Mr. Otto Nordenskjold, a bordo do *Antartik* completou as descobertas de Gerlache, explorando as paragens de Este e Nordeste da Terra de Graham, individuali-

sando desta maneira todo um grupo de terras austraes para as quaes propoz a denominação de *Antartida de Oeste*. Levantou, detalhando-as, as plantas da margem sul do estreito de *Bransfield* no qual desemboca pelo canal de *Orléans* o estreito de *Gerlache*, e as costas leste das *Terras de Luiz Philippe* e do *Rei Oscar*, bem como as visinhas ilhas de *Ross*, *Joinville*, etc. Mr. Nordenskjold demorou-se em Snow Hill, ilha Seymour em 64º 22' S. de Fevereiro de 1902 a Novembro de 1903; ahi se lhe juntou uma parte dos seus companheiros que deixara na bahia da *Esperança*, e pouco depois o restante da equipagem do *Antartik*, despedaçado pelos gelos

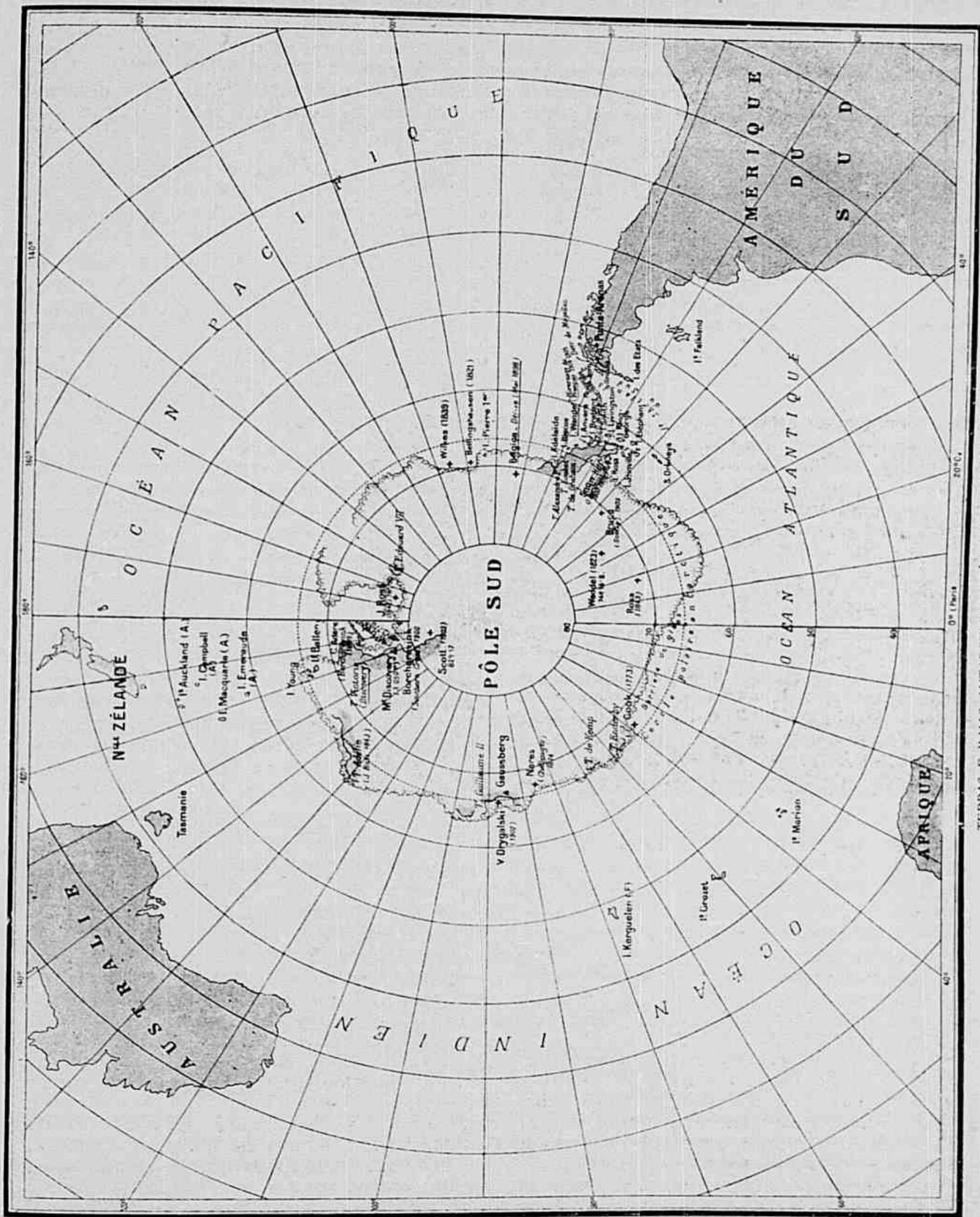
e que se refugiara na ilha *Paulet*.

Mr. Nordenskjold preso nos gelos, sem uma embarcação em que pudesse demandar terras habitadas, continuou não obstante suas observações fazendo successivos *raids* sobre os gelos da Terra do Rei Oscar.

Grande parte das observações desapareceram com a perda do navio. Os naufragos foram repatriados pela canhoneira argentina *Uruguay* ao fim de 22 mezes de demora nos gelos.

Durante permanencia em Buenos Aires de Mr. Otto Nordenskjold, aportou aquella cidade o *Français*, navio em que fazia a sua primeira expedição Mrs. Jean Baptiste Charcot, filho do celebre medico francez de universal reputação.

Expedição organizada um pouco apressadamente com os recursos proprios do chefe e alguns donativos particulares, ascendendo o total



TERRAS E ILHAS ANTARCTICAS ATÉ HOJE EXPLORADAS



a 450.000 francos, Mr. Charcot em dous cruzeiros levantou a planta do archipelago *Palmer* do lado do Grande Oceano, terminou a exploração da parte sul do estreito de Gerlache, do archipelago de *Biscõe* e da *Terra Loubet*.



FIG. 2. — ICEBERG EM FORMA DE MESA

A invernagem de 1904 se fez no Porto Charcot, ilha *Wandel*, e deu lugar a uma serie de observações preciosas e variadas que se completaram com a demora em Porto Loc-Kroy, ilha *Wiencke*. A narrativa da expedição Charcot está hoje compendiada em volume publicado em 1906 sob o titulo — *Le Français au Pole Sud*.

Estas as principaes expedições ao polo sul entre os meridianos 55° e 70° O. Gr., ao sul do cabo de Horn, feitas por belgas, suecos e francezes.

Os allemães e escocezes pela mesma epoca buscavam penetrar o mysterio das regiões antarcticas, penetrando nos mares já explorados por Cook, Bellinghausen, Weddel, Ross e mais recentemente, em 1874, pelo *Challenger*, ao sul da Australia.

A expedição allemã do *Gauss* a que nos referimos acima, e para cujo preparo, sob o patronato de Guilherme 2º em pessoa, não foram poupadas despezas, invernou em 1902 — 1903 na ilha de *Kerguelen*, em 66°, 2' S. estudando os bancos de gelo das costas. Os expedicionarios sob o commando de M. von Drygalski fizeram diversos e perigosissimos raids em terra firme, levantando plantas e photographando o cone vulcanico do *Gaussberg*.

Preciosas observações sobre Physiographia e Historia Natural tornadas possiveis pelos instrumentos que a expedição possuia com fartura, não lhe faltando mesmo um globo aerostatico varias vezes utilizado, formam o stock de serviços prestados á sciencia pela expedição do *Gauss*.

Mr. Bruce no *Scotia*, em 1903 — 1904 atirou-se á exploração do mar de Weddel, esbarrando em bancos de gelo de altura de 30 a 40 metros por espaço de 150 milhas percorridas ao longo da *Terra de Coats*.

Ao sul da Nova Zelandia, justamente nos logares em que J. Ross esbarrara em 1842, depois da descoberta do monte Erebus, outras duas expedições fizeram farta messe de observações scientificas.

O navio *Southern Cross*, partido ao mesmo tempo que o *Belgica*, sob o commando de

Mr. Borchgrevinck, fez nas terras austraes uma invernagem desde 17 de Fevereiro de 1899 a 28 de Janeiro de 1900, levantando as plantas das terras ao sul das ilhas *Balleny*, á extremidade N. O. da Terra Victoria sendo na ponta *Adare* estabelecido um posto meteorologico; a ilha *Coulman*, a ilha *Erebus*, todas essas terras foram percorridas e exploradas.

Um cruzeiro em direcção a S. E. ao longo da grande barreira de *Ross* e excursões em terra até 78° 50' alem do ponto extremo attingido por este ultimo, permittiram fixar a natureza dessas formações entre o *Erebus* e a Terra Eduardo VII.

As colheitas scientificas primorosas, as photographias de pontos inteiramente desconhecidos, constituem documentos do resultado dessa magnifica expedição.

Aquella porém de mais extraordinarios resultados para a sciencia, foi incontestavelmente a do *Discovery* em 1902 — 1904 organizada com os maiores cuidados pelos inglezes.

Nella se fizeram os reconhecimentos das costas da Terra Victoria, e ilhas da vizinhança,

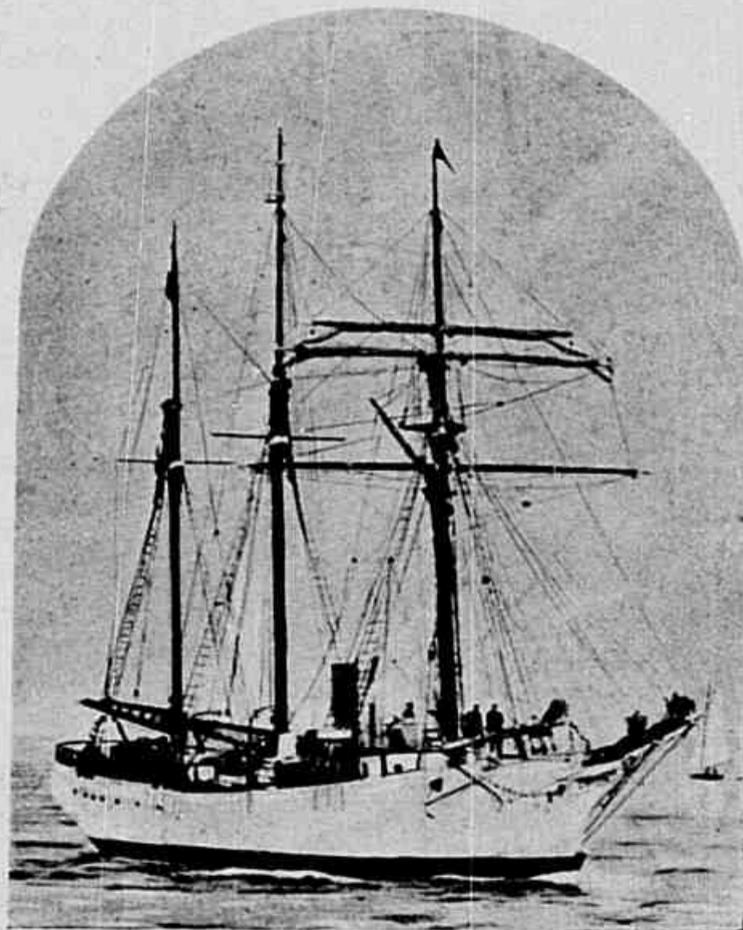


FIG. 3. — O FRANÇAIS, NAVIO DA PRIMEIRA EXPEDIÇÃO CHARCOT

desde as paragens da Ponta *Adare* e monte *Sabina*, até alem de 80° de latitude sul, no estreito de Mac Murdo; o estudo das partes descobertas e do relevo do litoral (monte *Melbourne*, monte *Discovery*, etc.); um *raid* audacioso de mais de 300 kilometros executado em



trenó sobre a terra Victoria, facto unico nessas expedições austraes; uma invernagem na latitude de 78°, indo o capitão Scott pelo 160° meridiano E. Paris até 82°, 17' batendo o *record* das viagens ao Sul; o exame da grande barreira de Ross e suas relações com



FIG. 4. — CANAL DE LEMAIRE

as terras visinhas; uma recolta extraordinaria de observações, taes os principaes resultados dessa expedição de excepcional importancia.

O *Discovery* levava tambem um balão como o *Gauss*, com o qual pode fazer varias observações directas, tendo ao mesmo tempo estudado os mares austraes que Dumont d'Urville outr'ora visitara.

O *Pourquoi Pas?* novo navio em que Mr. Jean Baptiste Charcot pretende continuar as suas explorações nas terras austraes e que tanta curiosidade provocou quando entre nós esteve, destina-se a penetrar a vasta região que vae do meridiano 60° ao 140° O. Paris, num ponto quasi desconhecido, alem da terra de Alexandre 1° e da ilha de Pedro 1°, apenas conhecidas pelas referencias de Bellinghausen e Wilkes.

A expedição explorará as jazidas fossilíferas do monte Bransfield e da ilha Seymour, guardando a colheita em segurança em Ushuaia ou Porto Charcot; tentará depois fazer um reconhecimento de conjuncto nas terras Loubet e Eduardo VII.

Conta fazer Mr. Charcot, pelo menos uma invernagem em terra, realizando o maior numero possível de *raids* nos bancos de gelos. Para esse effeito pela primeira vez serão empregados os trenós automoveis nos quaes o ousado explorador deposita a maior confiança.

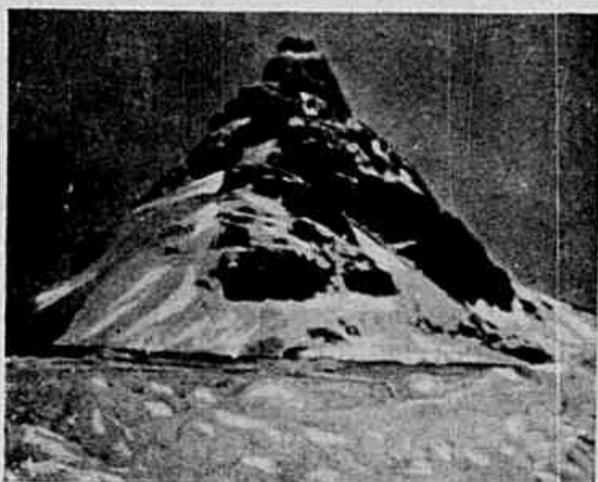


FIG. 6. — PICO CLÉRY, (N. O. DA ILHA WANDEL)

A expedição Charcot foi organizada sob o patronato da Academia de Sciencias, Museu, Liga Maritima e Instituto Oceanographico de França.

Preparada com mais cuidado do que a primeira, provido o *Pourquoi Pas*, de recursos que faltavam ao *Français*, poderá Mr. Jean Charcot ser mais feliz, resolvendo varios dos problemas que nas regiões desertas das terras austraes estão até hoje á espera de solução por parte desses abnegados exploradores que a tudo se expõem por amor á sciencia.

Ao mesmo tempo que a expedição Charcot, outras se dirigem como ella para os mares do sul: dous navios inglezes sob o commando de



FIG. 5. — SERRANDO O GELO, (PAIZAGEM DE VERÃO)

M. M. Scott e Shackleton; outro sob o de Mr. Bruce; um belga chefiado por Mr. Arctowski, ex-official do *Belgica* procuram como elle resolver esses problemas, explorando as terras circumpolares.

Pode ser que baldados se tornem todos esses sacrificios; os gelos, as correntes maritimas, o tempo inclemente e aquella traiçoeira molestia, a anemia dos gelos que tantas victimas tem feito nas diferentes expedições, opporão a mais tenaz resistencia a todos os esforços para desvendar o segredo que guardam as enormes barreiras de gelos eternos. Mas não tem conta os recursos da sciencia; e sobre os gelos, nos velozes automoveis, — pelos ares nos dirigiveis ou aeroplanos a data não está longe em que um mais ousado ou mais feliz diga a ultima palavra sobre o Polo Sul.



FIG. 7. — UMA PAIZAGEM SUL POLAR. BANDO DE PINGUINS SOBRE O GELO

# NA FRONTEIRA

## O VALENTE

NAS cartas geographicas modernas do estado do Paraná, vê-se na fronteira da Argentina, a poucos kilometros da embocadura do rio Pepiry-guassú, o Salto do Valente.

Quem foi esse Valente?

Porque os commissarios brasileiros e argentinos deram seu nome desconhecido á primeira quêda do famoso rio?

Quando, ao começar o anno de 1887, a escolta da Comissão de Limites com a Republica Argentina passou por Curytiba, seguiu com ella o Valente.

Não eram raros esses *voluntarios*, assim denominados pelos soldados.

Era branco e bem novo.

No olhar intelligente e de notavel vivacidade, transparecia tal meiguice, que attraheu logo a nossa sympathia. Brincão, agradava a todos.

A dentadura brilhava alva e rija entre os labios rosados e humidos.

Seria um bello typo si não tivesse as pernas curtas e zambras.

Todos sem excepção, officiaes, praças e paisanos, se lhe affeçoaram.

Arranchava e dormia com os soldados.

Nas noites frias do formoso Estado, aprazia-lhe muito dormir junto ao borrhão, conforme a usança da terra.

Gosava saude de ferro. Dir-se-ia febril a sua actividade, pois estava sempre em movimento.

Quando começaram as marchas fatigantes pelos caminhos accidentados e penosos do sertão paranaense; e os soldados, de mochila ás costas, subiam offegantes os recostos resvalados das serras empinadas ou patinhavam enlameiados nos atascadeiros e caldeirões interminaveis; dava gosto vel-o caminhar lesto e agil, sem se atolar, sobre os barrocaes insidiosos, escondidos pelos musgos avelludados cor de esmeralda.

Nos passos fundos dos arroios é que o Valente sentia a contingencia da sua estatura apoucada. A curteza das pernas lhe não permittia vadeal-os.

Nesses momentos difficeis, surgia sempre um amigo que o carregava e o depunha enxuto na outra margem.

Entretanto ninguem nadava melhor do que elle.

Lhe não agradavam, porem, as aguas frias dos lageados.

Esses e outros serviços que lhe prestavam, o *voluntario* pagava sobejamente, sendo o nosso melhor vigia nas noites escuras e tormentosas.

Quantas vezes ouvimos a sua voz amiga dar o brado de alerta, quando sorrateiras e cautelosas as onças mosqueadas se acercavam do nosso bivaque!

Punha ao nosso serviço toda a sua intelligencia e coragem.

Nenhum era mais ousado e destemido do que elle; entretanto viram-no mais de uma vez estremecer ao leve farfalhar das folhas seccas, quando soprava a brisa ou um reptil inoffensivo passava.

Quando a escolta chegou á villa de Palmas, Valente desforrou-se das marchas penosas, dos dias chuvosos e das noites glaciaes. Passou vida folgada na triste Capua.

Pouco depois dispersou-se a commissão mixta: as turmas exploradoras se partiram, cada uma com seu rumo, aos seus destinos.

Elle seguiu com a minha, acompanhando o seu melhor amigo o anspeçada Firmino.

Esteve comnosco na malóca da Formiga dos indios Camés, atravessou a colonia militar do Chapecó toda garrida e florescente graças á dedicacão de Bormann, subiu as serras do Tigre e do Gregorio e chegou ao posto das Chalanas, na margem do Uruguay, abaixo do passo do Goyo-en.

Desceu as cachoeiras espumantes do grande rio acachoadado e ruidoso.

Abaixo da embocadura do Chapecó, na altura das aguas sulfurosas, a canôa em que navegava arrombou o fundo na ponta d'uma pedra.

Abicamos á margem, sem perda de tempo, porque a agua entrava em borbulhões.

Ao redor das fontes thermaes as aves e a caça do pello se reuniam. O Valente ao saltar, dirigiu-se para lá e deu-nos um bello veado mateiro que o Karl Eichefberg, nosso cosinheiro, lardeou com toucinho comprado ao Moura Gavião, na engenhóca do Passo Reúno.

No salto da Fortaleza, donde voltaram os demarcadores Alpoim e Arguêdas em 7 de Março de 1759, e na famosa cachoeira dos Macacos Brancos, que tem mais d'uma legua de marouços e ondas bravias agitadas por violentissima corrente; elle tremelicava dando curtos gemidos.

Quem o não conhecesse supporia ser de medo; mas era de frio das marejadas que entravam pelas bordas.

Valente era um caso raro de harmonia entre o caracter e o nome.

A sua fidelidade revelou-se em alto grau na colonia militar do Alto Uruguay, onde resistiu a todas as seducções, preferindo seguir-nos para

o deserto, onde o esperava uma vida trabalhosa e cheia de privações, demasiado ardua e preñhe de perigos

Quando iniciamos a exploração do Pepiry-guassú em Julho de 1887, embarcou na canôa do velho Kuhlmann, nosso feitor.

Mais de uma vez deu-nos o *extraordinario* de alguma caça. Era sempre o primeiro a saltar em terra; e acto continuo penetrava nas brenhas, que margeiam o rio.

No principio do mez seguinte, Agosto, levado pelo ardor venatorio, foi muito longe, pela floresta adeante, na abalada d'um veado e causou-nos serias apprehensões.

Demorou-se demasiado e lhe mandamos no encalço os nossos melhores rastejadores; suspendendo por isso o serviço.

Brasileiros e argentinos, todos seus amigos, encheram-se de cuidado pela sua sorte.

O anspeçada Firmino, porém, animava á todos, disendo: — Qual! Valente é muito *vaqueano* do matto e não se perde.

Assim foi. Seguiu por uma batida de antas até chegar a um vasto enxurdeiro, cujas cercanias bem pareciam uma fazenda de gado, tão numerosos eram os estrabos, os rastos e outros vestigios do nosso grande pachydermo. Os animaes fugiram por uma sellada da serra para as bandas do Apitereby, e elle tornou á tardinha, offeguento e cheio de arranhaduras.

Nesse ponto onde parámos para esperal-o, o rio offerece aos que o remontam o primeiro obstaculo serio á navegação.

Devoto fervoroso de Santo Huberto, Valente parecia incorregivel na sua paixão de montar.

Esse deporte, tão perigoso e cheio de penas no seio das nossas florestas emmaranhadas e densas, nunca o fatigava.

Quem o julgasse pela estatura, o não consideraria tal; mas suppria a pequenez pela solercia e agilidade.

Ao chegarmos á confluencia do Pepiry-mini o maior dos tributarios do rio, appareceu no alto do paredão dioritico da sua margem direita, por entre os troncos da matta magestosa, uma grande onça pintada, que nos fitou espantada um instante e sumiu-se na bastidão, sem dar tempo de aperrar as espingardas.

Tinhamos por certo que voltaria á noite; e causava-nos temores a temeridade do Valente.

Estavamos ainda no inverno e as noites, apezar do abrigo da floresta, eram muito frias.

Acendemos grandes fogueiras de bôa lenha em roda do bivaque.

Os cães ladraram toda a noite sem cessar. Valente passou-a em claro e rondando.

De vez em quando ouviamos-lhe a voz dando o alarma alem dos fogos; e dormiamos confiando na sua vigilancia e dedicação.

Quando começou o calor, no meiado de Outubro, estavamos já perto das cabeceiras, palmeando a picada aberta ao longo do São Pedrito, um dos galhos orientaes e mais volumosos do Pepiry-guassú, — tomado pelo principal por Fonseca e Cabres, quando o remontaram nos fins do seculo 18º.

Fomos invadidos então por nuvens de insectos, qual mais incommo: — borrachudos, mutucas, maruins, mosquitos polvora, morissócas, pequenas abelhas negras...

De todos, porém, o peor inimigo era a *mosca do berne*.

Atacava indistinctamente — homens e animaes.

Era muito arriscado acarrar-se sob a copa das arvores e dormir á sésta.

A mosca inexoravel á ninguem poupava.

Negra, avelludada, pelluda depunha os ovulos nas anfractuosidades da epiderma. A pelle tumefasia-se, avermelhava-se e ficava quente e dolorida.

Esfregavam no ponto inflammado sarro de cachimbo e esprimiam o asqueroso *bicho de berne* que sahia fusiforme, grande, lardaceo, repugnante.

Animaes, soldados e peões foram atacados.

No seculo 18º, o geographo hespanhol Don Andrés de Oyarvide, quando se retirava das cabeceiras do Santo Antonio, pagou tambem o seu tributo, com um na panturrilha.

O Valente abusava e dormia á sombra.

Parecia privilegiado: escapou incolume e sempre liso e nedio.

No salto Cabrer, a treze kilometros da nascente, o São Pedrito despenha-se do alto d'um penhasco de dez metros de altura sobre uma formosa bacia elliptica, de forma quasi regular. As margens são altas *itaimbés* alcantilados. Demorei alli um dia o serviço topographico para fazer algumas observações hypsometricas.

Sobre a pequena mesa de campanha colloquei com todo o cuidado o meu hypsometro de Casella.

Acendi a lampada de alcool e observava attento a columna do thermometro ao entrar a agua do reservatorio em ebulição. O Valente levado pela curiosidade, mas com estouvamento foi de encontro á fragil mesa. O hypsometro cahiu; o alcool inflammado derramou-se e incendiou a caderneta das observações; e quebrou-se o thermometro, unico que tinhamos para tal mister.

Não me pude conter.

Tive impetos de estraflagal-o e dei-lhe um murro formidavel.

Olhou-me cheio de dôr e afastou-se gemendo.

Parecia mais sentido do mau tracto, do que da dor do golpe.

Arrependi-me logo. Havia sido demasiado brutal, esquecendo n'um momento de raiva os bons serviços e a dedicação á toda prova do pobre Valente.

Chamei-o e elle achegou-se timorato.

Passei-lhe a mão pela cabeça e sorri-lhe. Transformou-se: parecia não guardar da minha grosseria o menor vislumbre de resentimento, e ficou muito tempo junto a mim, sorrindo como elle sabia fazel-o — franca e carinhosamente.

Um mez depois percorriamos, de estação em estação, a accidentada picada do mais alto terreno entre as cabeceiras principaes de Pepiry-guassú e do Santo Antonio, cruzando de vez em quando lageados ruidosos, que correm para a direita e para esquerda, precioitando-se espumantes pelas quebradas sombrias e profundas.

Os da direita são affluentes do rio da America, contravertente e visinho mais proximo do Pepiry-guassú. Os da esquerda vão ao Uru-gua-hy tributario do grande Paraná.

A picada, tortuosa fôra aberta entre pinheiros opulentos e bastos, cerrados por taquaraes quasi impenetraveis.

A caça abunda nessa região alpestre. Por toda a parte, alli e acolá, encontravamos piugadas de veados, trautas enormes de onças, batidas fundas de antas, e trilhas de *tajassús*, que andavam em busca dos pinhões.

O Valente sentio-se feliz n'aquelle meio onde podia dar largas á sua paixão.

Acampámos, uma tarde, perto da cabeceira do braço Oriental do Santo Antonio, por onde subiram os antigos demarcadores no seculo 18º, tomando-o pelo galho principal.

Pela frente do nosso pitoresco acampamento passava correndo o braço do rio Urugua-hy, que naquelle seculo os paulistas *vaqueanos* do tenente hespanhol D. Francisco Millau y Maraval disseram bem poder ser, pela côr das aguas, o Pepiry que buscavam. Muito teria que andar o illustre official para lá chegar.

Antes de anoitecer, chegou-nos o Clemente, nosso estafêta, rapaz de seus vinte annos, mestiço de indio e morador no Campo Erê.

Vinha de Palmas e trouxe com a correspondencia uma pelle fresca e ainda sangrenta de onça pintada.

Matara-a com a sua garrucha de dois canos, ao passar a grande lagôa do kilometro 13º.

Si não fosse o susto da mula, disse elle, o tigre tel-o-ia preado pelas costas, tão proximo chegára.

A noite foi bem alumiada pelas fogueiras perfumadas com lenha de pinheiro e louro sassafráz.

O luar coava-se pela ramagem singularmente rala d'aquelles bosques serranos.

Os nossos poucos animaes dormiram á sogá, comendo folhas de pindoba. Era perigoso mandal-os para o *recosto*, por terem sido vistos na proximidade rastos recentes de onça.

Estavamos em fins de Novembro e apezar da humidade dessas paragens altas cobertas de florestas, onde abundam as cabeceiras de arroios, a temperatura era elevada e dispensava cobertores e barracas fechadas.

Soldados e peões tomavam matte ao redor do grande fogão, onde a feijoada dava pulos no caldeirão do Eichenberg, cujo — accordeón — casava a toada fanhosa com a vós plangente do Valente, enlevado na poesia do esplendido luar brilhante no puro azul do céu. Alta noite o bivaque estremeceu ao bramido proximo do tigre e os echos da floresta mysteriosa rebramaram pelas quebradas.

Os cavallos assustados rincharam de terror e esticaram, bufando, os maneadores á estourar,

Alguns caçadores, dos mais afoitos, tomaram das armas e penetraram na treva phantasticamente alumiada por algumas têdas, que logo se extinguiram.

Valente ia na frente, silencioso e cauto na escuridão mais intensa para os que deixavam o acampamento alumiado. Buscava reconhecer e sorprehender o inimigo.

Ouvimos tiros e gritos.

A sua voz distinguia-se bem na celeuma.

O tigre sumiu-se na reboleira.

Poucos dias depois, o peão Manoel dos Santos, do Campo Erê, mestiço de branco e indio, dessa raça admiravel da mamelucos, que dilataram para o Oeste o nosso territorio nos tempos coloniaes, seguiu com dous rapazes e alguns cargueiros de viveres para o porto do Santo Antonio, onde mandamos fazer um rancho para deposito.

Era caçador afamado e tinha reputação de destemido e forte. Possuia um grande cão, alão de pello rajado, seu companheiro fiel naquelles montes e valles.

Na noite em que chegaram ao deposito, uma das mulas foi morta por um tigre.

Na seguinte os rapazes insistiram com o Manoel dos Santos para dormir com elles no rancho. O bravo caipira escarneceu de medo dos *gurys* e estendeu os arreios debaixo d'uma arvore á beira do rio, perto da confluencia d'um arroio, onde um pinheiro cahido servia de ponte.

Fez ao lado uma grande fogueira de grossos troncos e adormeceu tranquillo, confiado na guarda do seu fiel amigo.

Alta noite, quando a fogueira ardia já sem a luz viva das labarêdas e os grossos tições cobriam-se de cinza alvacenta, um tigre approximou-se sem ser presentido e matou o sentinella que não poude dar nem um uivo de dôr.

Arrastou cauteloso para a outra margem do arroio sobre a ponte do pinheiro derribado o corpo inanimado da sua victima, deixou-o e voltou.

A escuridão era intensa e o silencio da noite perturbado apenas pelo marulho da corrente do Santo Antonio.

O valoroso mestiço dormia á somno solto, involto no ponche,

A féra achegou-se sorrateira; ferrou-lhe uma das presas no ouvido direito e arrancou-lhe um pedaço do craneo.

Reboou na solidão um grito de agonia e os rapazes do rancho tremeram de pavor. O tigre assustou-se tambem e fugiu.

Acudiram ao moribundo e encerraram-se com elle. A vida se lhe apagou poucos minutos após. O terrivel animal tornou sem demora em busca da prêsa preferida. Dava urros formidaveis, rondando o pequeno rancho.

Os rapazes contaram-me, que parecia louco; tal o seu furor. Espalhou pelo chão arreios, cabrestos, ligaes e cangalhas.

Ao despontar do dia, retirou-se para a matta.

Os moços montaram a cavallo; e correram á participar-me a horrorosa occurrencia.

Mandei immediatamente alguns dos melhores caçadores — Valente não podia faltar; seguiu tambem.

Acharam o tigre muito perto do rancho; do outro lado do arroio do pinheiro cahido, que tomou o nome de «Arroio do Tigre.»

Mataram-no sem difficuldade, porque estava trepado. Era muito velho: — tinha dentes cariadados e falhas no pello mosqueado. Cada caçador, conforme a usança da terra, descarregou no homicida a espingarda, para vingar o companheiro morto.

Trouxeram-me a pelle toda esburacada. O Valente estava radiante. A felicidade brilhava no seu olhar intelligente e vivo.

Tinha a paixão do deporte da caça; e dava gosto vel-o rodear a pelle espichada parecendo aspirar com delicia o cheiro acre, que exhalava.

O lugar da scena tragica recebeu o nome de «Porto do Manoel dos Santos», em honra ao nosso mallogrado companheiro de fadigas.

Poucos dias depois de começarmos á descer em canôa o Santo Antonio; o nosso portamira de ré — João Rowe — tento de Blumenau, escapou milagrosamente de ser victima de uma onça, que quiz prêal-o de pulo, quando batia uma estaca de prégo.

Ao passarmos o arroio das Antas, o Santo Antonio tinha tão pouca agua, que mal permitia a fluctuação das nossas pequenas embarcações sem quilha. Acampámos logo abaixo.

Choveu a noite inteira copiosamente; e o rio ao amanhecer galgava as barrancas, mettendo no fundo as nossas ultimas estações; não

obstante o cuidado, que sempre tivemos de fazel-as em lugar alto.

Foi forçoso parar até que as aguas baixassem. Felizmente essas enchentes não são duradoras nos arroios proximos das serras.

No segundo dia pela manhã, atravessou á nado para a nossa margem, um bello veado capoeiro e desapareceu na espessura. O Valente seguiu-lhe no encalço. Alguns soldados foram tambem atraz.

A' tarde voltaram todos, menos elle.

Mais de uma vez isto aconteêra, mas tornara sempre. Anoiteceu e nada.

No dia seguinte o rio corria manso na sua madre natural. Era preciso descel-o, continuando o arduo serviço.

O tempo urgia, porque a saude dos homens piorava cada dia e escasseavam os viveres, já bastante reduzidos e deteriorados.

A nossa rôta era pelo deserto e os recursos iam ficando cada vez mais longe.

Quem teria porem, a crueldade de abandonar naquellas agruras o nosso bom e carinhoso amigo? Açorava nos, á todos sem excepção, a incerteza da sua sorte.

Dei ordem para não desarmar o abarracamento. Toda aquella gente rude e boa ficou satisfeita. Sahiram soldados e peões, brasileiros e argentinos, em busca do transviado.

Um presentimento de desgraça pairava no nosso bivaque. Todos estavam apprehensivos pela vida daquella creatura brava e boa.

Ao cair da tarde, os rastejadores voltaram. Um véo de tristeza cobria-lhes a physionomia.

Então? Perguntei.

Respondeu-me o anspeçada Firmino, seu maior amigo, com uma lagrima tremendo nos olhos avermelhados: Nada, seu Coronel. Valente foi comido por um tigre.

Achámos o rasto e seguimos muito longe. Ia pela batida do veado, passou a serra para a outra banda e sumiu-se de repente. Mais adiante achámos manchas de sangue e rastos da malvada féra.

Pobre Valente! Calcule-se o nosso pesar.

Demos seu nome ao primeiro salto do Pery-guassú, onde se transviou pela primeira vez, para lhe guardar a memoria.

Humilde de condição, nada poupou na conquista da nossa estima.

Soffreu connosco no deserto o frio, a fome e a nostalgia, peor ainda. Em seu olhar suave brilhava a intelligencia.

Parecia adivinhar o nosso pensamento.

Ia ao encontro dos nossos desejos e procurava satisfazel-os n'um trambordamento de bons sentimentos.

Bravo, fiel e dedicado, conquistou a nossa gratidão.

DIONISIO CERQUEIRA.

## Flora Epiphyta do Rio Grande do Sul

### NOSSAS ORCHIDEAS

É INCOMPARAVEL e extraordinariamente bello o que possuímos em nossas ricas e densas mattas, nos concavos dos valles em *Orchideas*, essas formosas flores eminentemente indigenas e da flora epiphyta.

Essa vegetação aeria imprópriamente chamada de *parasita*, a par dos cravos do matto (*Tillandsia bicolor*, *T. dianthoidea*) ornão sobremaneira as nossas florestas, tornando esta parte do Brasil austral luxuriante e imponente. Já o celebre historiador inglez Robert Southey qualificou o Brasil de região mais formosa de toda a terra habitada. Não é o Rio Grande conhecido no que se refere ás suas condições eminentemente favoraveis á Floricultura e especialmente em relação á sua opulenta flora epiphyta.

São tão numerosas as variedades dos milhares de orchideas conhecidas, tão frequentes nas regiões sombrias de nossas florestas, que ousamos acreditar na existencia de verdadeiras maravilhas no interior das mattas verdadeiramente virgens que o Rio Grande possui ainda.

As orchideas extasiam-nos a um tempo pelo seu aspecto original, suas côres em geral alacremenente vivas, a sua forma incomparavel e os seus brilhantes matizes.

Quem não teve ainda a ventura de admirar em nossos cerrados e umbrosos mattos essas delicadas e caprichosas flores?

A *Cattleya intermedia* grak, uma das mais vulgares, cobre as vezes vetustos troncos, tem os sepalos e os petalos violaceo-vermelhos; um pouco de cuidado em sua installação em um tronco com um pouco de musgo do genero *Sphagnum*, e com o auxilio de fibras textis de grita, de saphia ou de *Dicksonia Sellowiana*, o maior dos fetos que florescem no Rio Grande do Sul, é o sufficiente para que esta *Cattleya* floresça admiravelmente.

Outras orchideas, porem, proprias nos lugares muito sombrios, exigem o abrigo de estufas, regas chimicas e esmerada observação afim de preserval-as do ataque dos insectos e dos er. ptogamos parasitas.

Fazem-se algumas installações com a *Tillandsia usneoides* que é a nossa conhecida e muitissimo popular *barba de velho ou de páu* que em nossas mattas forma verdadeiras cortinas.

No Rio Grande floresce um bom numero de orchideas formosas; em quasi todos os sitios, desde esses morros paleozoicos coroados de vegetação asperrima em que salienta-se a *Collitia cruciata* dos arredores de Porto Alegre, até o extremo norte, onde encontra-se a bella e util orchidea de subtil perfume, a *Vanilla aromatica*, orchideas apresentam-se sempre soberbas, de forma caprichosa, quer se trate das robustas quer das orchideas anãs, taes como as *Sophronites* e a *Habeneria* dos campos de areia movediça.

Estas ultimas, plantasinhas de alguns centimetros, tem mimosas flores e vegetam em geral ao lado ds algumas *Bromeliaceas*.

Parte da flora do Rio Grande é *psammo-*



CATTELEYA AQUINU — HYBRIDA NATURAL DO RIO GRANDE DO SUL

*phila*, encontrando-se caracteres de formação *bratophila*, segundo o naturalista sueco Dr. C. A. M. Lindmann, em seu importante trabalho «A vegetação do Rio Grande do Sul».

Algumas orchideas petrophytas vivem modestamente sobre rochas musgosas; têm folhas espinhosas como as das *Bromeliaceas*, haste erecta e flores vermelho-amarelladas.

As especies de real merecimento são em geral, as muito justamente denominadas *elegans*, *purpuratas*, *intermedias*, *albas*, etc.; algumas, como por ex., o *Oncidium crispum*, são muitissimo raras.

*Cattleyas*, *Loelias*, *Zygopetalims* *Oncidiuns*, *Doudrobiums* são muito abundantes.

Um negociante de Porto Alegre, orchidophilo extremado, o Sr. Antonio da Silva Val-



ladares, já fallecido, encontrou um dia em seu orchidario, um hybrido de *Cattleya* inteiramente extranho que hoje é conhecido por *Cattleya Aquinu*, designação dada pelo venerando e sabio botanico brasileiro, Dr. Barbosa Rodri-



CATTELEYA AQUINU—HYBRIDA NATURAL DO RIO GRANDE DO SUL

gues que a recebeu do seu correspondente scientifico no Rio Grande, o Sr. Francisco Aquino.

Nós damol-a em um formoso conjuncto com o *Dendrobincunobile* em plena florescencia.

Este ultimo, porém, é da India.

A planta tem folhas coreaceas, ligeiramente acuminadas e vigorosamente verdes, bulbos robustos e flor elegantissima, de labello purpura-arroxeadado, coloração esta que tambem embeleza as extremidades de dois sepalos, ao passo que os dois petalos tem o apise uma pequenina macula verde-musgo.

A flor, afora estes pontos, é de cór purpurina muito desmaiado; em conjuncto é de incomparavel belleza.

Em uma concorridissima exposição realizada pela Royal Horticultural Society, em fins de Março de 1892, a *Cattleya Aquinu* obteve um julgamento de merito. «Award of merit» e foi descripta no «Gardenerlis Chronicle» de 31 de Maio do mesmo anno.

Como preciosidade, verdadeira joia da flora epiphyta possuimos a *Cattleya purpurata, albaplana*, planta rarissima, ainda não descripta no «Dictionnaire Iconographique des Orchidées», nem em nenhum dos catalogos belgas, inglezes ou allemães, sendo, no emtanto, uma preciosidade.

Segundo affirma o Sr. Dr. José Pinheiro M. da Silva, o Estado do Espirito Santo é um dos mais ricos do Brasil, na flora epiphyta, devido

talvez ás condições climatericas, pois em uma lombada de serra e em um pequeno perimetro, encontrou de dez a vinte variedades dessas lindissimas e preciosas flores que extasião e encantam.

As flores das Orchideas são umas inodoras e outras de perfume inebriante.

As Orchideas rebentam seus primeiros bulbos na estação primaveraii; desenvolvem-se então seus rhigoneas e formam-se os seus botões que vão desabrochar em plena estação de estio, matisando de côres variiegadas as densas ramarias de verde glauco, as franças de nossas sombrias e seculares mattas.

Respira-se então ahi a largos haustos as exalações sadias dessas flores, perfume entontecedor; admira-se-lhe a belleza da forma, emoldurada pelos matizes raros e como não ser assim se são ellas de uma formusura suggestiva e impressionante!

Essas flores da selva brasileira contão hoje milhares de admiradores que as cultivão com real carinho.

A nossa soberba flora foi sempre digna da maior admiração.

Alem disso, podemos gabar-nos da facili-



CATTELEYA AQUINU—HYBRIDA NATURAL DO RIO GRANDE DO SUL

dade de acclimatação que encontram no Brasil as plantas de outras regiões; basta-nos, por ex.,



citar as conhecidas e formosíssimas palmeiras imperiaes, *Orcodoxa oleracea*, que mereceu do sabio botânico sueco, o Grande Linneu o epitheto de

*Principes vegetabilium!* No que se refere á technica dos orchidarios, occorre-nos lembrar principalmente a pratica da hybridação artificial, operação delicadíssima que em sua essencia consiste no casamento de especies diferentes. São precisas thezouras delicadas, com as quaes retiram-se as pollinias da flor que deve receber a fecundação artificial e cobre-se a flor com um capucho de gase, bem justo ao pedunculo, afim de impedir que o vento, os insectos ou os beija-flores transportem para a flor o pollen de outra orchidea já por elles visitada. Após alguns dias retira-se este accessorio e com au-

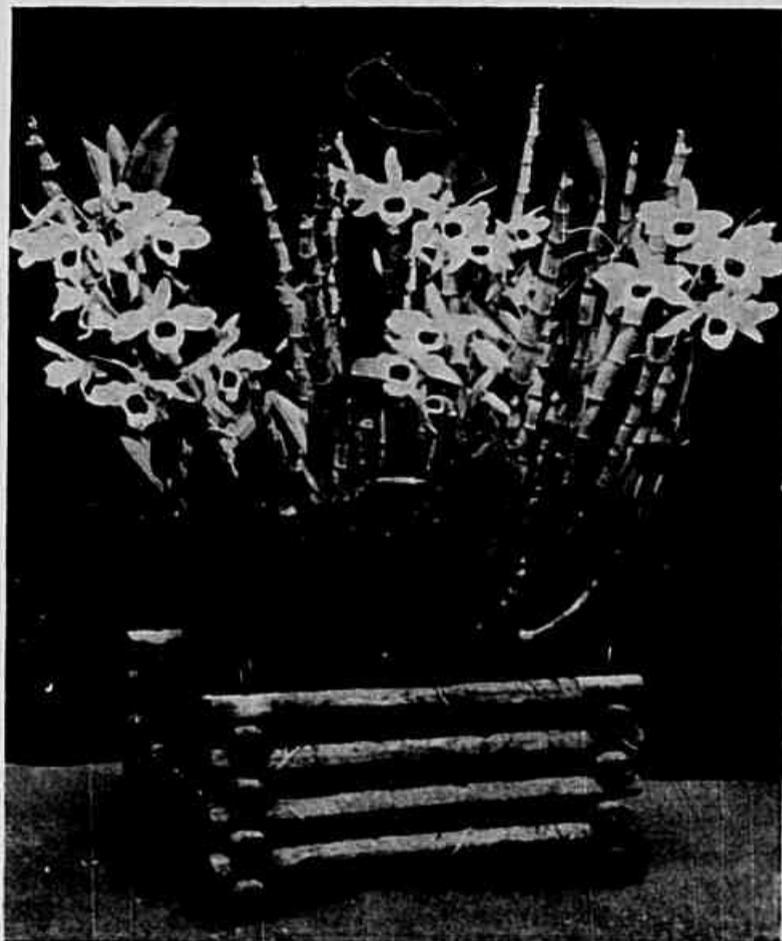
ou toda a pollinia (pollen em massa) de outra flor, á escolha do operador.

Assim consegue-se artificialmente hybridos



DENDROBIUM NOBILE—NATURAL DA INDIA

xilio de um pincel fino ou de um fino estylete leva-se ao stigma da flor um pouco de pollen



DENDROBIUM NOBILE—NATURAL DA INDIA

de origem conhecida, por um processo que é a imitação das hybridações naturaes, feita por intermedio dos insectos, dos passaros e mesmo do vento, conductores inconscientes de pollinias.

Terminando, diremos: assim como a França possui a sua flor symbolica, o Liz, a Italia suas Margaridas e Violetas de Parma, Luxemburgo as suas incomparaveis Rosas, a Hespanha seus encantadores e perfumados Cravos, o Japão as Azaléas e os Chrysanthemos, façamos nós das flores das Orchideas de nossas mattas, a flôr symbolica brasileira.

(Porto Alegre)

OCTACILIO BARBEDO.



## NO TEMPO DA "GAZETINHA"

NÃO me refiro á época em que a *Gazetinha* se deu ao luxo de um escriptorio na rua d'Ouvidor, o famoso becco da velha elegancia carioca. Esse escriptorio, convem esclarecer o caso, não passava dum corredorzinho, cafúa ou cacifo, com uma portinha no passeio tósco, espremida entre a então frequentadíssima Confeitaria Cailtau (onde hoje mercadeja em porcelanas a firma Leonardos) e uma loja qualquer ao lado do vasto armazem de Mme. Josephine Lambert, costureira da imperatriz D. Thereza Christina, predio em que se localizou actualmente a Livraria Alves. Na soleira dessa portinha, que o novo edificio da redacção da *Tribuna* absorveu na sua construcção, o poeta Fontoura Xaxier, muito longe de pensar nas facturas do consulado de Baltimore e menos nas rutilações de uma farda de ministro plenipotenciario, mas, meio bohemio, meio dandy, intrigando o burguez *conselheiral* com a petulancia do seu monóculo e a irreverencia casquilha dos seus sapatos d'entrada baixa com meias de seda preta, dardejava a ironia do comentario e a troça do *triolet* sobre a fileira processional da tafularia ouvidoreana. Cousas d'aquelle tempo, em que a ironia aflorava aos labios risonhos de um poeta de talento... Agora, a dar credito nas chronicas petulantes do mundanismo, ella cicia ambiguidades pretenciosamente requintadas na bocca duns individuos que ninguem sabe porque se lhes attribuem meritos. E, para me aproveitar da oportunidade, devo lembrar que, no minuscuro balcão desse escriptorio, o Miguel Fortes, que é no presente emprezario viajante de companhias theatraes, e ainda não abiscotára o applauso unanime aos seus dotes de barytono de salas, dizia-nos, a mim e outros, num gesto esthético de eloquencia, a sua admiração por Eça de Queiroz nesta phrase rutilante: «Nem Miguel Angelo com todos os seus pinceis seria capaz de escrever o *Primo Bazilio!*» — que eu, menino, ouvia concordantemente, achando o Fortes um grande pandego.

Mas, não é desse tempo que eu falo, é doutro, menos afastado, quando os meus dezenove annos me davam as primeiras pennugens da barba e eu me ia abeirando das Academias, das quaes me afastei em má hora... porque, pelo menos, podia ser hoje um rico e afamado clinico á maneira hodierna, tendo para tanto a ventura de não ouvir a lamuria estopante dos neurasthénicos nem vêr a miseria dos esban-

dalhados no soffrimento, pelo simples facto de ser surdo e cêgo na opinião dominante de dois incomparabilissimos amigos meus, o professor R. Bernardelli e o Dr. Mello Moraes Filho. Mas, por Jupiter! meus senhores, não confundam na mesma plaina o eminente esculptor do Christo e Adultera com o mavioso bardo do *Bem-te-vi*, que não é este o meu intento.

Ambos incondicionaes admiradores meus, mas ambos diametralmente oppostos... nos seus respectivos valores.

O tempo, a que me refiro, é o da *Gazetinha* na rua do Rosario, quasi em frente á rua Gonçalves Dias. Foi isso em 1882 ou 83. A *Gazetinha* era um jornalzinho de dois palmos, quasi todo impresso em corpo 6 ou 7. Naquelle jocunda éra remota, a ardega mocidade, não sei se por deficiencia educativa ou apoucada de intellecto, mas, sem duvida, modesta e ainda transviada pela tollice da Arte Pura, expressão em evidente desaccordo com o que se fazia na litteratura, ambicionava unicamente a gloria da publicidade. Depois, por ser mais pratica e, julgo eu, por esmeros da sua intellectualidade, ella comprehendeu que o «util reunido ao agradável» é o solido principio da vida contemporanea, e abalou corajosamente pelo engrossamento para pescar empregos...

Retomando, porem, o fio com que eu ia serzindo estas recordações, no intuito de me fingir de velho para o gaudío dos perfumados mocinhos geniaes que ás letras estão dando a radiação solar das suas obras-primas, cuja incomparavel belleza esplicam pela facunda idade dos cueiros, volto ao caso da *Gazetinha*. Era esse jornalzinho a fascinação dos meninos do meu tempo. Ali se reunia a mocidade da época, o que havia de mais precioso na geração que surgira pouco depois dos nomes consagrados de Lopes Trovão, José do Patrocínio, Dermeval da Fonseca, Carvalho Junior, Arthur de Oliveira, Lucio de Mendonça, Alfredo Bastos, *Hop-Frog* Arthur Barreiros. A nova geração, da qual alguns representantes já velejavam ao largo dos vinte annos, surgia mais ardente e afouta. Valentim de Magalhães iniciava a lucta litteraria pelo lugar em evidencia com uma soffreguidão combativa que arrastava timidos e animava inertes. Nunca se vira, na aldeia imperial, a que chamavam metaphoricamente — côrte —, um movimento intellectual tão barulhento como esse. Até então as gerações tinham-se succedido sem luctas, fazia-se um passo de quadrilha e os que vinham atraz-davam braço aos que iam adiante. Era tudo. Mas o Valentim entrou derrubando o que topava, pelos violentos processos sarcasticos do Camillo e Silva Pinto. Isso deliciou a meninada de que eu fazia parte. Tinhamos o sangue quente, amavamos a gymnastica e os

exercícios da força; os *sports* começavam a completar a educação dos rapazes e, lidos nas basofias physicas do sr. Ramalho Ortigão, parecia-nos imprescindível ao triunfo das idéas o murro esborcinante do rixento. Nem sempre a fortaleza do pulso correspondia aos atrenganhos valentões da parvulez. Mas, contava-se com a agilidade sauria da capoeira, em que eramos mais ou menos exercitados, sem desmerecer a fama da dextreza do illustre dr. Luiz Murat, e como os sanhúdos conflictos litterarios poucas vezes terminavam em pugilato, recorria-se ao terrível expediente da vaia, lapidação moral que escorcha e molesta mais temivelmente que a pancada. Alguns, dos desse tempo, ficaram conhecendo o ardor inesquecível dos arranhões da troça publica...

No emtanto, esse jornalzinho, em que a mocidade de 1880 fizera a sua cidadella bulhenta, era chefiada por um homem amabilissimo e incapaz de arremangar os braços para as con-

riamol-o bem porque a sua expontanea farça nol-o affeiçoára á singeleza do nosso gosto, nada inferior a exigencia das platéas da época actual.

E, na realidade, as suas populares parodias da *Mme. Angot* e da *Belle Helene* faziam o summo prazer dos nossos sabbados d'estudantes quando, n'antiga e demolida *Phenix Dramatica*, nos agrupavamos nas cadeiras da primeira fila para sentirmos mais perturbadoramente o arrepio medular da paixonite excitada pela terna figurinha loura da graciosa Rose Villiot, exemplarmente séria no mundo equívoco das caixas de theatro.

E como conheci o Arthur? como travei relações com elle?... Vou contar-vos.

De uma feita, mandei á *Gazetinha*, em carta fechada, uma das minhas litteratices. No dia seguinte, com o coração a endoudecer de jubilo vi que a minha litteratura merecera acolhimento no desejado jornal, porque na sua secção de recebidos vinha referencia ao meu *artigo* com a promessa de ser publicado.

Dois ou tres dias de anciedade. Em fim chegou a hora feliz. Não foi preciso catar o *artigo* nas tres paginas de texto porque, logo na primeira pagina, se o deparava no rodapé. O triumpho não podia ser maior. Lá estava o meu *artigo*, em lugar de honra, e com o meu nome por inteiro: L. Gonzaga Duque Estrada. Não guardo em memoria o que fiz nesse dia glorioso, recordo-me, porem, que a *Gazetinha* devia ter percebido augmento na fêria da sua edição com uns vinte numeros a mais.

Pouco tempo depois mandei outro artigo que, se me não illude a mnémónica, foi uma apreciação sobre um quadro historico de Fermino Monteiro. Segundo rodapé. Não havia duvida, eu estava talhado á gloria litteraria (pensaram com-

migo os meus dezenove annos) e se n'aquella época tivessemos Academia de Lettras, é provavel que eu estivesse com as calças mais proximas de uma cadeira de immortal do que hoje estou da possibilidade dum só voto dos immortaes do Cães da Lapa.



ARTHUR AZEVEDO

tas á mão fechada em questões litterarias. Esse homem chamava-se Arthur Azevedo.

O Arthur..... não sei bem que idade teria nesse tempo, mas não devia passar dos trinta, possuia, já de alguns annos, um nome em relevo, animado e corrente, dividia a sua excelente veia de comediographo; e nós todos que-



Animei-me a ir á redacção apresentar-me e cumprir o dever do agradecimento; mas, chegado lá, o coração se me resfriou. O que fôra animo passou a ser fraqueza. Empalleguei. Felizmente eu conhecia o « homem do balcão », creio que gerente, um barrigudo bohemio regenerado, de soças esbranquiçadas, que fazia versos lyricos e gemia seus flatos dyspépticos entre recordações das noitadas sardanapalescas do Alcazar. Expuz ao Guimarães (era este o seu nome o meu indeciso estado, e em quanto palestravamos, appareceu no escriptorio um grosso homem novo, de estatura meã, accusando incipiciencia obesa no farto abdomen.

Guimarães apresentou-me: sr. Arthur Azevedo... Sem a menor cerimonia, Arthur, com uma simplicidade encantadora, apertou-me a mão tremula, elogiou os meus artigos e, affabilissimo, fez-me entrar na redacção, que era uma loja aos fundos, abrindo duas portas, transformadas em provisórias janellas, para o estreito becco do Fisco.

Eu estava maravilhado. Arthur deslumbrava-me com a sua gentileza e bondade. Nunca o vira em pessoa. Olhava-o, tinha a cabeça redonda, bochechuda, de pelle muito clara, ao de leve tingida de rubro moço; a barba escañoáda punha-lhe um ligeiro tom azul na cheia curva do rosto, apanhava-lhe o queixo maciço mas arredondado, em que havia uma fossêta. Sobre o nariz breve, quasi nada arrebitado, o curto bigode enfartava-se, negro, a resguardar a bocca pequena, polpuda e escarlata. Usava *pince-nez*, e atravez dos vidros claros seus olhos de myope scintillavam o negrume de humidas pupillas, tão negras como os seus fartos cabellos crespos.

Quando entramos na redacção, lá estava vergado a uma unica mesa de pinho, comprida e coberta por oleado, um magricella caturra, cabeçudo, de cabello rapado a descer pela testa ampla uma larga pasta que se encurvava nas boças extremes do frontal. Aos nossos passos levantou a cabeça — notei-lhe o rosto osseo, o olhar doentio e um escasso bigode cahido sobre os labios pallidos.

— Adelino, disse-lhe o Arthur, aqui tens o nosso collaborador...

E deu o meu nome com intimidade. O Adelino ergueu-se, estendeu-me a mão nervosa e dura, acolhedoramente. Era o Adelino Fontoura, o impeccavel fazedor de sonetos camoneanos, que nós todos liamos e decoravamos.

Conversamos. O meu acanhamento, que apesar dos annos, ainda hoje me atrapalha, se entrepôz a todos os esforços para me inculcar desembaraçado e amavel. Não obstante voltei. Sentia grande prazer em ir ali, áquella salinha mal illuminada, cujo adorno consistia numa

famosa collecção de caricaturas feitas pelo Raul Pompeia, Belmiro de Almeida, Aluizio Azevedo, França Junior, e o artista Valle, collecção que foi descripta pelo Elysio Mendes, o gordo e trigueiro Elysio da *Gazeta de Noticias*, já viadissimo pelo mundo inteiro e em metade duma solida fortuna commendadoresca, se a bisbilhotice não mentia.

A sala da *Gazetinha* constituia o ponto de reunião dos *novos* d'aquelle tempo.

Era ali que se reuniam o nosso primeiro naturalista Aluizio Azevedo, o popular comediographo e humorista França Junior, unicamente novo pelo espirito; Silvestre de Lima, o infeliz poeta mineiro que a scena fatal dum drama de familia arrebatou da alegre bohemia do Rio; Theophilo Dias, sobrinho de Gonçalves Dias e poeta finissimo; Filinto d'Almeida, Urbano Duarte, tenente de artilharia aspirando os galões de major, apesar de ser coronel na litteratura; Rodolpho da Paixão, transformado em politico, felizmente com proveito para a patria; Rodolpho Páo Brasil, o grande poeta Raymundo Correia, que é hoje magistrado; o incedível parnasiano Alberto de Oliveira, Antonio Lopes Cardoso, o então notavel estreiante Olavo Bilac, Hugo Leal, já agarrado pela tuberculose que o matou; Correia de Menezes, Affonso Celso Junior, o gordo Sebrão, o Salustiano Sebrão, que serviu de modelo ao professor Bernardelli para a estatua do General Osorio; o dr. Cardoso de Menezes, um musico de talento que a burocracia roubou á gloria, e outros, e mais outros que firmaram nomes ou se perderam no utilitarismo da burguezia se não no esquecimento da morte.

Faziam-se deliciosas palestras, esfusante de *verve*, pontilhadas de ironias que brilhavam fluentemente como areia de rubis em caméras de pepitas d'ouro; travavam-se discussões, sem gritar, a scintillar paradoxos ou enfiestoadas de pilhótas gracejantes que terminavam em escarchada geral. Era a mocidade sadia e alegre duma época em que a bohemia ainda vivia nas ultimas tradições amadas do espirito insubstituível da Pariz d'outr'ora..... E que *charges* faziam aos velhos lyricos, aos entanguidos romanticos! Adelino e Silvestre manejavam a penna ao modo das *Farpas*, a que enalteciam com desmedido entusiasmo e cahiam em golpes bruscos de sabre contra os adversarios. Aluizio, sociavel e *gentiluómo*, sorria em phrases que alfinetavam; Raymundo, magriço e hypernervoso, cinzelava sonetos que pareciam medalhas de Langry, mas de applicação causticante como as *mouches de Milan*... E a *Gazetinha* compunha-se nesse risonho colmeiar de palestras e de trabalho. Em quanto eu, obscuro,



sem directriz determinada, na suave vadiação de mão estudante rebelde, assistia, sorrindo, á ruidosa alegria desse alegre tempo, que venho contar como uma ventura.

Hoje, porem, que o homem, em torno do qual toda essa gente se moveu na franca camaradagem da vida começada, se desfaz no aniquilamento da terra; hoje, que do Arthur só nos resta a lembrança amiga, e a graça das suas comedias, e os versos da sua musa galho-

feira, eu me recordo desse tempo, em retrospectividade saudosa, porque foi nelle que senti as primeiras dulcissimas illusões desta caminhada fatigante e inutil, que muitos annos depois resolvi fazer, enganadamente, em busca do loctus branco da gloria. Que illusão!... mas que doce mentira!...

1908.

GONZAGA DUQUE.

---



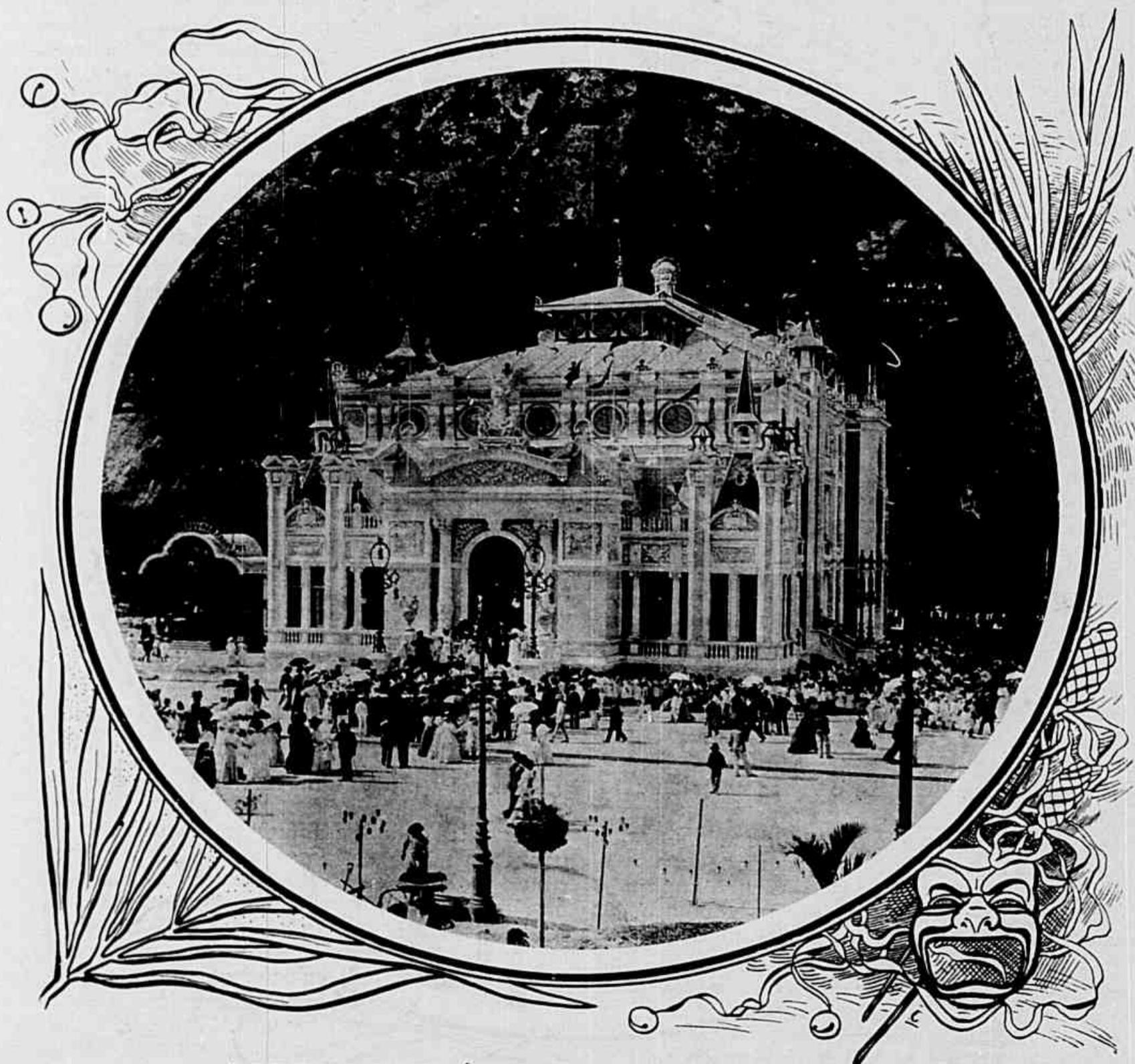
---

EXPOSIÇÃO NACIONAL

---

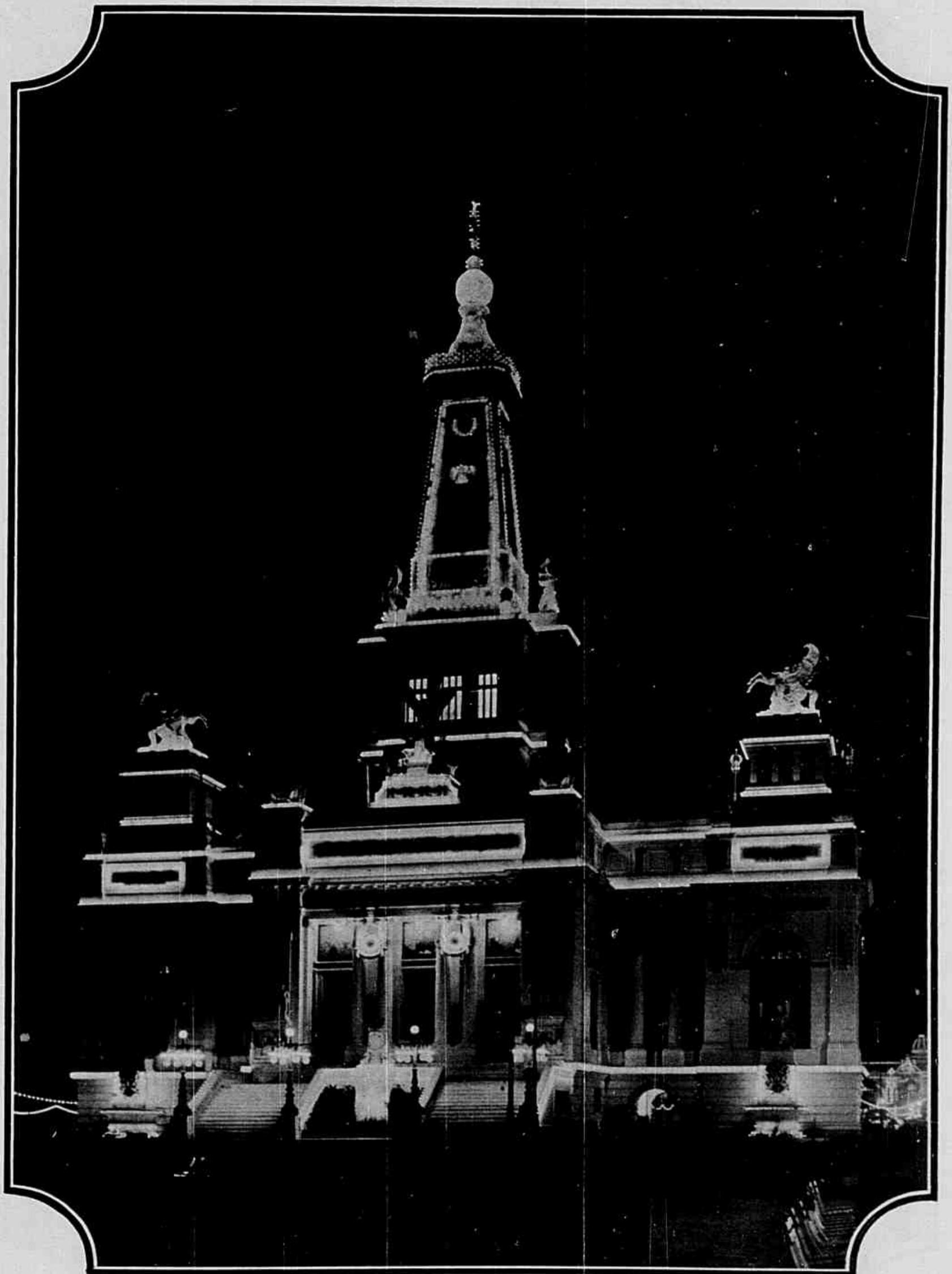


---



A ULTIMA MATINÉE NO THEATRO JOÃO CAETANO

# Exposição Nacional



ASPECTO DA ILLUMINAÇÃO DO PAVILHÃO DO ESTADO DE MINAS

## A CAMPANHA ELEITORAL NOS ESTADOS UNIDOS

A ELEIÇÃO presidencial nos Estados Unidos da America do Norte provoca periodicamente, uma agitação civica de que não ha exemplo nos povos modernos. Naquella grande nação a escolha do supremo magistrado é uma questão eminentemente popular e desperta interesse tão intenso, que monopolisa, por alguns



O PRESIDENTE ROOSEVELT SE INTERESSA PELA CAMPANHA ELEITORAL

mezes, a atenção publica. É facil calcular o espectáculo que offerece o movimento de oitenta milhões de homens, divididos em dous partidos que se contrabalançam e disputando, com a pertinacia e actividade que só sabem desenvolver os yan-

kees, a victoria para os seus candidatos.

Só em um paiz onde existem, praticamente, apenas dous partidos, e no qual o povo tem uma comprehensão elevada das suas prerogativas politicas, se pode travar semelhante lucta que assume, nas vespersas do pleito, as proporções de gigantesco duello. As transacções camararias, o caudilhismo, as combinações de buffet que constituem normalmente a alta politica nas outras republicas americanas, não lograriam prevalecer nos Estados Unidos, paiz de opinião alerta pelos mil órgãos da imprensa e da tribuna e consciente da sua força.



O PORCO ENTHRONADO "GOVERNARÁ O POVO?" WILLIAM JENNINGS BRYAN



A MAIOR PEDRA DO LOTE — TIO SAM: QUEM A MOVERÁ PARA O SEU LADO

A eleição presidencial é alli uma campanha de dialectica e de propaganda perante o formidavel corpo eleitoral que transtorna e contrafirma, frequentemente, as resoluções dos chefes dos partidos.

A opinião americana atravessa, actualmente um desses periodos de ebulição. O presidente



NORMAN E. MACK, DIRECTOR DA CAMPANHA, PELO PARTIDO DEMOCRATICO, EM CONFERENCIA COM CHEFES DO PARTIDO

Roosevelt, resistindo ás solicitações dos seus amigos, recusou, de conformidade com uma antiga tradição da politica americana, apresentar sua candidatura á terceira reeleição.

Esse estadista, cujo prestigio, pela primeira vez na historia americana, ultrapassou as fronteiras do seu paiz para se impor, decisivo, a outros continentes, gosa na America do Norte de popularidade tão incontrastada, que, com



O DIRECTOR DA CAMPANHA PELO PARTIDO REPUBLICANO, HITCHCOCK, EM TRABALHO

um simples aceno ao eleitorado, se poderia reeleger contra quaesquer combinações previsiveis.

Recusando-o, deixou o campo á competição dos dous partidos, — republicano e democrata, os quaes arregimentando as fileiras, já iniciaram a lucta.

Por um impulso perfeitamente justificavel no regimen dos partidos, o presidente participa ostensivamente da lucta, influenciando com o seu apoio moral, o candidato republicano

William Taft. O candidato democrata é ainda pela terceira vez, Mr. Bryan, que o seu partido espera agora ver alçado á cadeira presidencial.

O eixo, o *pivot* da campanha eleitoral é o Estado de Nova York que representa, na federação americana, o papel que coube a S. Paulo nas tres primeiras presidencias civis, deslocando-se depois para Minas. Não tanto pela sua



O CANDIDATO DEMOCRATA MR. BRYAN, EM CAMPANHA ELEITORAL

influencia sobre os outros Estados de Leste, como pelo grande numero de suffragios que leva ás urnas, o Estado de Nova York é o fiel da balança politica que decide do resultado do pleito. Nesta campanha, porem, o partido republicano estendeu tanto os tentaculos do seu prestigio que, mesmo perdendo Nova York, a sua victoria se considera segura. Essa hypothese,



A DISPUTA DO VOTO NEGRO

demais, está arredada e Mr. Bryan, salvo caso imprevisto e pouco provavel, terá ainda esta vez de ceder o passo a seu antagonista e adiar por quatro annos o seu patriótico anhelos de que «o povo governe».

« Governará o povo? » E' o estribilho suggestivo do *speech* eleitoral que Bryan tem repetido em todos os recantos da União Americana. Porque elle é um orador infatigavel e,



O CANDIDATO REPUBLICANO TAFT E FRANK HITCHCOCK, DIRECTOR DA CAMPANHA PELA SUA CANDIDATURA

como bom democrata, é na praça publica que solicita os suffragios dos votantes, convencendo-os das suas qualidades pessoais para chefe de estado e provando a incompetencia do seu adversario. Taft, impressionado pela actividade do candidato democrata e pelo terreno ganho por este nos Estados de Oeste, desceu tambem a campo com a sua oratoria.

O trabalho pessoal dos candidatos, apesar da sua intensidade,

nada é, comparado ao que desenvolvem os dous partidos. A campanha é systematica e habilmente organizada, concentrada nos quartéis generaes de Chicago e Nova York e dirigida por chefes competentes, que adquirem, se já não a gozam,



EM CAMPANHA, DE AUTOMOVEL MR. TAFT E O GENERAL KEIFER



uma celebridade nacional. A grande dificuldade é o levantamento de capitaes; e é facil imaginar as sommas que requer essa luta sem treguas.



TAFT DISCURSANDO

Os republicanos, lamentavam ter recolhido apenas um milhão de dollars, ao passo que os demócratas activavam a percepção das contribuições, extendendo esse serviço por todo o paiz.

Os escandalos da Tammany Hall e das subvenções eleitoraes por parte das companhias e sociedades, motivaram a recente lei prohibindo esse auxilio immoral. Os partidos a braços com



DEVERES DE UM CANDIDATO

a crise que a lei determinou, foram forçados a organizar a collecta de fundos em bases novas. Os demócratas publicam todas as contribuições recebidas, solicitam pequenas quantias dos proprios eleitores e não aceitam quotas individuais superiores a dez mil dollars. Essa medida tende a emprestar origem popular ao cofre eleitoral, mas, na realidade, obriga apenas os contribuintes generosos ou entusiastas, a multiplicar os cheques sob nomes variados. A collecta é tão meticulosa e cuidadosamente organizada como o lançamento de um imposto. De facto, é um verdadeiro imposto de patriotismo, quando o não é da corrupção, como no caso ruidoso do ultimo pleito. Só para a cam-

panha democrata, mais de cem jornaes estão recolhendo subscripções.

Os republicanos organisaram a collecta de modo semelhante, mas devido á repugnancia de muitos contribuintes, decidiram publicar as listas só depois da eleição.

Outra dificuldade, e talvez a maior, que apresenta a actual campanha eleitoral, é o numero cada anno crescente de votos livres, de



BRYAN EM ATTITUDE DE BENÇÃO POLITICA

franco — atiradores, refractarios á disciplina e que, escapando á arregimentação dos partidos, concorrem todavia ás urnas.

Para chamar ás fileiras esses eleitores e aos tibios e duvidosos, a campanha precisa se intensificar, e redobrar de estrategia, sob a direcção sem hesitações de generaes experimentados.

Os chefes da actual campanha são, Hitchcock, pelo partido republicano e Norman Mack pelo demócrata. Frank H. Hitchcock, moço ainda, celebrisou-se pela rapidez da decisão, pela energia calma e sobretudo pelo systema de



BRYAN DISCURSANDO EM CUMBERLAND



EM CAMPO INIMIGO—BRYAN PROFERINDO UM SPEECH ELEITORAL EM OHIO, ESTADO DE TAFT

cartões numerados com que dirige, de seu gabinete, como em um taboleiro de xadrez, as

alternativas da campanha, levando prompto reforço onde seja necessario. O chefe democrata, Norman E. Mack, allia á actividade de *yankee* uma solida experiencia. Esses dous homens concentram, no momento, toda a attenção e esperanza dos seus partidos. Dos seus gabinetes, onde permanecem todo o dia, desde as 9.30 até alta noite e a madrugada, partem ao mesmo tempo ordens para todas as direcções do paiz. Centenas de oradores, todos habéis na arte de convencer e muitos delles assalariados, percorrem todas as cidades e aldêas, estimulando o sentimento partidario e promettendo a felicidade ao paiz se eleger os seus candidatos. O serviço de propaganda é feito febrilmente pela distribuição de milhões de brochuras, contendo discursos e promessas, pelos jornaes, que estampam, em supplemento especial o ultimo *speech* do candidato, lido com avidéz em todos os pontos do paiz, por caricaturas, livros especiaes de cada partido, reclames em periodicos e magazines, grandes annuncios e muraes pelo... phonographio. Clubs e *sub-comités* pullulam em todos os cantos, festas, conferencias, todos os meios attrahentes e ruidosos de trazer sempre desperto o enthu-



PRESIDENTE THEODORO ROOSEVELT

siasmo do eleitorado. Nem sempre a luta se mantem no terreno elevado dos principios. Os candidatos, que acompanham, em dia, os progressos do adversario, vão se appropriando mutuamente das idéas e dos items do programma contrario que provaram maior efficacia na opinião, interassimilando e extendendo as plataformas, até que se assemelhem uma á outra, salvo dous ou tres pontos irreductiveis. Então resvalam á injuria: Bryan accusa Taft de ser candidato da *Steel Corporation*, os republicanos revidam, accusando, com mais verosimillhança a Bryan de o ser da *Standard Oil Co.*, e a disputa, nesse terreno, vai até a promessa de revelações |sensacionaes, insultos e escandalos.

Com a corrupção eleitoral ou sem ella, com ou sem pequenas fraudes, cada vez aliás mais difficultadas pela fiscalisação mutua dos partidos, é facto que a eleição nos Estados Unidos é uma realidade e o presidente da grande nação entra na Casa Branca representando a vontade consciente e incontestada da maioria dos seus concidadãos.

MARIO BRANT





alternativas da campanha, levando prompto reforço onde seja necessário. O chefe democrata, Norman E. Mack, allia á actividade de *yankee* uma solida experiencia. Esses dous homens concentram, no momento, toda a attenção e esperanza dos seus partidos. Dos seus gabinetes, onde permanecem todo o dia, desde as 9,30 até alta noite e a madrugada, partem ao mesmo tempo ordens para todas as direcções do paiz. Centenas de oradores, todos habeis na arte de convencer e muitos delles assalariados, percorrem todas as cidades e aldéas, estimulando o sentimento partidario e promettendo a felicidade ao paiz se eger os seus candidatos. O serviço de propaganda é feito febrilmente pela distribuição de milhões de brochuras, contendo discursos e promessas, pelos jornaes, que estampam, em supplemento especial o ultimo *speech* do candidato, lido com avidez em todos os pontos do paiz, por caricaturas, livros especiaes de cada partido, reclames em periodicos e magazines, grandes anuncios e muraes pelo... phonographo. Clubs e *sub-comités* pullulam em todos os cantos, festas, conferencias, todos os meios attrahentes e ruidosos de trazer sempre desperto o enthu-

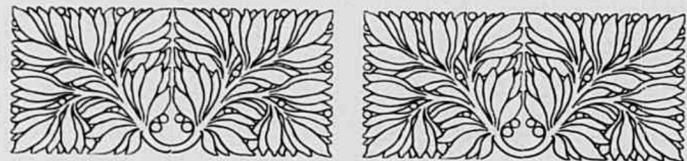


PRESIDENTE THEODORO ROOSEVELT

siasmo do eleitorado. Nem sempre a luta se mantem no terreno elevado dos principios. Os candidatos, que acompanham, em dia, os progressos do adversario, vão se apropriando mutuamente das idéas e dos items do programma contrario que provaram maior efficacia na opinião, interessando e extendendo as plataformas, até que se assemelhem uma á outra, salvo dous ou tres pontos irreductiveis. Então resvalam á injuria: Bryan accusa Taft de ser candidato da *Steel Corporation*, os republicanos revidam, accusando, com mais verosimilhança a Bryan de o ser da *Standard Oil Co.*, e a disputa, nesse terreno, vai até a promessa de revelações sensacionaes, insultos e escandalos.

Com a corrupção eleitoral ou sem ella, com ou sem pequenas fraudes, cada vez aliás mais difficultadas pela fiscalisação mutua dos partidos, é facto que a eleição nos Estados Unidos é uma realidade e o presidente da grande nação entra na Casa Branca representando a vontade consciente e incontestada da maioria dos seus concidadãos.

MARIO BRANT



EM GUARDA



## COMEÇOS LITERARIOS DO BRAZIL

### I

**N**OS primeiros tempos da sua existencia historica, o seculo do descobrimento e reconhecimento da nova terra, e primeiro estabelecimento dos Portuguezes nella (1534-1600) não havia no Brazil senão um embryão de sociedade.

Os proprios elementos ethnicos que viriam dentro em pouco, sob a acção de causas diversas e do meio geographico, a fundir-se e combinar-se na constituição da futura nação brasileira, o Portuguez, o indio e o negro, apenas começavam a unir-se. Nesta primitiva «cidade» mais do Brazil que brasileira, o Portuguez para aqui transplantado, mas ainda enraizado na patria, não chegava a formar uma sociedade. Esta não existe sem familia e portanto sem mulheres, e mulheres portuguezas foram aqui naquelle tempo tão raras que era como se não as houvesse. Desde 1549 o padre Manoel da Nobrega, lastimando a absoluta falta de mulheres portuguezas, o que levava os seus patricios a se amancebaram com as suas negras, como chamava ás indias, e viverem assim com escandalo em peccado mortal, escrevia para o Reino, ao seu superior, padre-mestre Simão Rodrigues, pedindo mandassem dali mulheres, «ainda que fossem erradas porque casarão todas muito bem.»

E ao proprio rei D. João III, em 1552, pedia: «mande Vossa Alteza muitas orphans, e se não houver muitas, venham de mistura dellas e quaes quer, porque são tão desejadas as mulheres brancas cá, que quaesquer farão cá muito bem á terra, e ellas se ganharão, e os homens de cá apartar-se-ão do peccado.» (1)

E como não viessem em quantidade sufficiente, metteram-se os Portuguezes com as indias e negras e constituiram, irregularmente sob o aspecto da Religião e da Lei, mas normalmente segundo as exigencia e dictames da Natureza, a familia, primeiro nucleo da sociedade que iam aqui, com o concurso daquellas outras raças, fundar. Mas, ainda no seio dessa familia irregular ou grosseira, a rudeza de um dos conjuges se iria attenuando ao contacto do outro mais civilizado e, pelo amor, se iriam ambos apurando e afinando. Tanto, que essa familia não destoaria consideravelmente da de igual condição do Reino. Variavam, porem, levando-a a uma vida mais elementar e primitiva do que

a dali, as condições economicas, moraes, sociaes e ainda physicas do meio, todos os aspectos semi selvagem e inculto.

Não era possivel que nesse apenas indistincto embryão de sociedade se começasse logo a formar e surgisse uma literatura que espiritualmente a definisse e representasse.

Nesse periodo não se encontram, portanto, outros escriptos brasileiros, quero dizer de naturaes do Brazil ou aqui compostos, ainda por alienigenas, que não fossem documentos officiaes ou officiosos de noticia e informação da terra, propaganda religiosa, edificação christan. Eram esses certamente importantes para a historia e conhecimento geral do paiz, mas de nenhum valor como literatura. Careciam todos das caracteristicas essenciaes desta, o desinteresse, a emoção, e com o sentimento ou a intenção de belleza, a generalidade.

A vida intellectual da primitiva e diminuta collectividade luso-brazileira, pois de brasileira só se lhe não poderia chamar sem impropriedade, mesmo nos seus centros principaes Olinda, Salvador, S. Vicente (o Rio de Janeiro apenas começa em 1567) sómente se applicaria ás mais urgentes necessidades da conquista e primeiro estabelecimento e do viver quotidiano. Começada sob a acção dos jesuitas com os seus collegios, a instrucção com que se creasse, desenvolvesse e fortificasse essa vida resumiu-se no primeiro seculo nas lições desses padres. Alem do ler e escrever e a taboada, entravam nellas os estudos do latim e por este da mythologia, historia e literatura antiga, a rhetorica, com a parte literaria conjuncta, lições de casos de consciencia e alguma theologia que aguçaria o espirito dos alumnos, e lhes daria algumas noções philosophicas. As predicas e sermões dos mesmos padres, dos quaes lucraria algo a instrucção geral, completavam este curso de estudos. A taes meios communs e elementares de ensino juntaram os jesuitas as representações theatraes, de feição mais religiosa e edificativa do que propriamente pedagogica, mas não sem influencia naquelle primeiro ensino por elles dado á nascente sociedade.

Desde os seus começos aqui parece inauguraram os jesuitas nos seus collegios as festividades escolares cujos inventores foram na Europa, sempre com o mesmo fim de seduzirem o publico e angariarem clientela, com a pompa theatral das suas solenidades meio religiosas, meio profanas. Augmentava-se-lhe aqui este proposito da necessidade de se propiciarem os colonos, privados de todo o divertimento e desde logo com elles desconfiados, e de impressionarem o indigena seu principal cliente e materia prima da safra que vinham cá fazer.

Ainda se não pode descobrir, que eu saiba, onde achou Varnhagen (*Florilegio*, I, XXI) que

(1) Cartas de Nobrega. *Materiaes e achegas para a historia e geographia do Brazil*, por Capistrano de Abreu e Valle Cabral, Rio, 1886; 1, pags. 54 e 98.



os jesuitas fizeram representar em Pernambuco, em 1575, um auto, *Rico Avarento e Lazaro pobre* que, diz elle, produziu o effeito de darem os ricos muitas esmolas. Não ha, porem, razão de duvidar desta noticia.

Com as suas festas e espectaculos não só serviam os jesuitas ao seu fim de propaganda, reclamo e catequese, porem mantinham entre os seus proprios consocios e a incipiente sociedade colonial uma communhão de idéas e sentimentos favoravel ao fomento da cultura de todos. Essa cultura, de que foram os principaes fautores, salvo casos rarissimos, e aliás desconhecidos, se o de Bento Teixeira com a sua *Prosopopéa* não foi isolado, nada produziu nas letras que chegasse até nós.

A primeira literatura, «literatura para quem não sabia ler» (e analphabeta seria a maxima parte da mesma gente portugueza) e «literatura identificada com a religião» cifrou-se no auto sacro e na comedia dos jesuitas. (1)

O auto cuja representação noticia Varnhagen seria talvez uma «moralidade» dialogada, parodia ou imitação dos «autos de devoção» ainda em voga no Reino, se não um desses mesmos autos com que ali, engenhos de segunda ordem, arremedando desageitadamente Gil Vicente, punham em scena casos de religião e piedade e episodios da historia sagrada ou mythologica. E' infinito por essa epoca o numero de taes peças, cujos titulos e sub titulos sobejamente lhes denunciam a inspração não só religiosa e devota mas parenetica. Representando-as nos seus collegios e missões, originaes ou simplesmente arranjadas de originaes da metropole, não fizeram os jesuitas senão seguir o uso dali, onde nas suas casas as representações theatraes eram um recurso da sua pedagogia, muito ajustado ao seu radical gosto de espectaculo e reclamo.

Tal uso generalizou-se nos collegios jesuiticos do Brazil desde o primeiro seculo, acaso desde a sua fundação. Esses autos, ou cousa que o valha, a julgar pelo pouco que delles sabemos, eram frequentemente misturados de prosa e verso, ambos de pauperrima inspração e mofino estylo, em portuguez e castelhano, tudo como no Reino. Apontando ao ensino e edificação soffreram aqui modificações de ordem puramente exterior. Os destinados aos indios cathecumenos eram escriptos em portuguez e tupi ou lingua geral do Brazil.

O seu inventor ou introductor aqui foi talvez o padre José de Anchieta, o suave jesuita, que a todas as virtudes do seu ministerio, juntava éstro poetico e porventura tambem vocação literaria. São documentos de ambos,

não só as suas obras metricas, conhecidas ou tradicionaes, mas as suas cartas, papeis, informações e noticias do Brazil. Ainda independentemente do merito da ingenuidade e simplicidade, revêem essas obras, no gosto com que manifestamente as escreveu e de recontar as cousas da terra, aquella vocação. Um seu confrade e biographo, o Padre Simão de Vasconcellos, informa-nos que Anchieta «compoz não só aqui (Bahia) mas em varias partes do Brazil, com vivo e raro engenho, muitas obras poeticas, em toda a sorte de metro, em que era mui facil, todos ao divino, e afim de evitar abusos e entretenimentos menos honestos.» (1) E na sua *Chronica da Companhia de Jesus* diz mais de Anchieta: «destro em quatro linguas portuguesa, castelhana, latina e brazilica, em todas ellas traduziu em romances pios, com muita graça e delicadeza, as cantigas profanas que então andavam em uso.» (2)

E' com este fundamento que se tem querido fazer de Anchieta o fundador da literatura brasileira, como se elle fosse um literato e não apenas um admiravel missionario christão. Do seu éstro e das suas letras apenas se servia para utilidade da sua cathequese e prégação, sem por na sua pobre e escassa literatura, a maior parte della oral e secreta, nenhuma intenção ou emoção d'arte, nenhum requisito de obra literaria. Quando muito o podemos considerar um precursor, como foram aliás todos os seus confrades, ou antes a sua sociedade, criando e promovendo aqui a cultura de que a literatura seria a expressão.

A obra de Anchieta, e talvez de outros jesuitas, como as noticias, as informações, as cartas, as annuas, os roteiros, as relações, as narrativas e quejandas escripturas jesuiticas, fradescas ou civis produzidas no Brazil, com um fim de interesse, e sem nenhum proposito ou merito especial de forma, ou intenção literaria, numa lingua geralmente menos polida que a escripta na metropole, não é literatura, e menos literatura brasileira; porem, já é, pode dizer-se, a cellula de que esta se vai desenvolver. Criando aqui, na grosseira colonia incipiente e na sua sociedade rudimentar o gosto e o costume de pôr por escripto os aspectos da terra e das suas cousas, os seus fastos e grandezas, ou servindo-se da escripta como um meio de communicação de noções entre os seus habitantes e mais de impressional-os e commovel-os para os educar e edificar, lançavam os primeiros escriptores dessa sociedade o fundamento do que seria mais tarde a sua expressão mais consciante e definida.

(1) *Vida do Veneravel Padre Joseph de Anchieta* pelo padre Simão de Vasconcellos, Lisboa, 1672.

(2) *Chronica da Companhia de Jesus no Estado do Brazil* pelo padre Simão de Vasconcellos, 2ª ed. Rio de Janeiro, Liv. I, 84.

(1) Cp. Capistrano de Abreu, *Descobrimto do Brazil e seu desenvolvimento no seculo XVI*, Rio de Janeiro, 1883.



De como essa primitiva e elementar literatura, de edificação ou de simples notícia da terra, nada tinha com esta e desta, e nem sequer saíra da limitada esphera de interesses immediatos, que basta para desautorizal-a como literatura, parece-me prova a não existencia no Brazil da producção poetica que, copiosa em Portugal, ainda nessa epoca, formou os seus numerosos cancioneiros. E' notavel que o velho e arreigado costume portuguez dos versos e trovas, vigente desde a idade media entre a fidalguia e os homens de engenho do Reino; costume do qual resultou um dos mais ricos e preciosos cancioneiros da Europa, não passasse ao Brazil, como passaram outras feições literarias da metropole, os autos e logo depois o verso épico. E tanto mais de notar que neste primeiro seculo da nossa existencia, se havia publicado em Lisboa, em 1516, o celebre *Cancioneiro Geral*, no qual Garcia de Resende recolhera obras de mais de duzentos e oitenta poetas.

Não consta até hoje a existencia de identico poetar no Brazil do seculo XVI, e se o nosso cancioneiro se não fez é porque não havia com que fazel-o. Este facto parece-me, pois, indicar que neste primeiro periodo não houve aqui estimulo e inspiração para alguma manifestação desinteressada e geral da mente brazileira, a que pudessemos com propriedade chamar de literatura.

Ao passo, porém, como era natural, que a primeira sociedade se vá desenvolvendo e ganhando o conforto e commodidade da vida, em cidades maiores, em centros de população e de convivio social, á roda de uma autoridade cujos representantes, fidalgos, prelados, homens de corte e do mundo, dariam um tom de boas maneiras e gentileza; que a existencia, favorecida pelo desenvolvimento economico do paiz, assenta numa base mais segura, diminuidos os sobresaltos do primeiro

estabelecimento, começam a aparecer os representantes espontaneos dos seus sentimentos ou instinctos obscuros: os poetas, em toda a parte sempre as primeiras vozes de toda a sociedade em principio.

Dos primeiras de todos que acaso versejaram, descuidados de uma publicidade duradoura, e que haveriam porventura continuado aqui os trovadores portuguezes, por não guardarem ou não terem quem lhes guardasse as canções, ignoramos até se existiram. Nada delles, nem nome nem obra, chegou até nós.

As literaturas começam sempre por um livro, que frequentemente não tem outro merito que o da prioridade. Literatura oral, como foi primeiramente a nossa, é apenas uma accepção particular, larga de mais e abusiva dsse vocabulo. Não importa que esse livro seja uma obra prima ou sequer estimavel; basta que tenha a intenção, o feitio e o caracter de obra literaria. E que se lhe possa descobrir, ou mesmo emprestar, uma representação da sociedade ou definição da vida, que o produziu. « Pois se não deve deixar dizer que toda a obra escripta é uma obra literaria. Onde parariamos? A maré crescente dos documentos officiaes nos inundaria o dominio. Só é obra literaria a dos escriptores que tiveram um sentimento, ao menos instinctivo, do merito da forma, e que procuraram agradar aos seus leitores pela forma. Frequentemente o seu gosto é mau gosto, mas é em summa um gosto qualquer. Os que o não tem de especie alguma, esses devem ser banidos da literatura.» (1)

Não será outro o nosso criterio no estudo da evolução literaria do Brazil.

JOSÉ VERISSIMO.

(1) *La civilisation française au XIV et au XV siècle, Les Lettres* por Petit de Julleville, na *Histoire générale* de Lavissee et Rambaud, Paris, 1894, III, 233.



## UM CASO DE ANALOGIA ANATOMO - PHYSIOLOGICA ENTRE ANIMAL E VEGETAL

*Homenagem ao professor  
Carlos Ernesto Heckel.*

**E**STIMULADOS que fomos aos transcendentales problemas da biologia transformista, pelo inolvidavel mestre e Protector — João Joaquim Pizarro — que perlustrava com profunda e scintillante erudição a escola Hæckel-Darwiniana como outras provincias do saber humano, apresentamos á meditação dos estudiosos esse caso, patente se nos parece, de analogia morphica e funcional entre um Phanerogamo e os Marsupiaes.

Não tivessesmos em vista os moldes de um jornal, onde os assumptos devem ser precisos e concisos, e para logo teria nossa these a desinvoltura que desperta para abstracção d'analyse.

Antes, porém, de entrarmos na parte descriptiva, vamos integrar nosso estudo á predicta escola da concepção monistica do Universo.

Não vae de nosso espirito a insania da infallibilidade; comprehendeu já de ha muito a humanidade que o «livre arbitrio» era a negação absoluta e antipathica dessa harmonia entre a materia e as leis physico-chimicas do Cosmos a determinar sem percepção nervosa.

Nem outra fóra a maior gloria de Claude Bernard quando fundava o methodo experimental, esse abantesma destruidor da interferencia miraculosa, intangivel, que circumscreve o espaço pelo céu...

A sedicã formula «errare humanum est» bem o sabemos, é o escudo de rechaça ás hostes absolutas, que não assimilaram a contingencia scientifica no seu todo relativo.

Se entre os inumeros sabios que entre nos pontificam em materia de — Sciencias Naturaes — um houver á contestação de nosso asserto, que venha leal e sincero á luz meridiana da contra prova *experimental* donde nos veio juiso ao presupposto.

Remontar áquellas cosmogonias da idade antiga seria penetrar o scenario classico da poesia, onde mil veredas conduzam ao erro que a phantasia perdôa e incensa.

E' pela idade moderna e contemporanea que vamos ouvir os mestres e falar na sciencia.

Ahi mesmo, insurgindo-se ás correntes da epocha, se nos depara um grande vulto que, ou por desalento ou por dispepsia cerebral escrevera: aqui tens o Astronomo o Physico o Biologo o Chimico o Naturalista o Mathematico o Poeta... procura attingir o que fizeram elles e «positivamente só.»

Mas desse Astro que chammejou intenso, hoje restam delicadas lamparinas que a brisa vae extinguindo.

\* \*

Na unidade da materia, essa monstruosa hecatombe d'alchimia que Gustavo Lebon vem de solevar, hesitamos por ensinamentos hauridos nos principios de biologia de H. Spencer: «des quatre éléments principaux qui par la variété des combinaisons ou ils prennent place, composent les corps vivants, trois sont gazeux.

«Nous ne connaissons le carbone qu'à l'état solide, mais l'oxygène l'hydrogène et l'azote ne nous sont connus qu'à l'état gazeux. Même soumis à des pressions assez fortes pour les ramener à peu près à la densité des corps liquides, ces éléments ont jusqu'ici défié les efforts tentés pour les liquéfier.

«Ce fait a une certaine valeur. Rappelons-nous combien les redistributions de matière et de mouvement qui constituent l'Évolution, des structures comme des fonctions, supposent des mouvements dans les unités à redistribuer, et nous apercevrons la signification probable du fait que les corps organiques qui nous présentent à un si haut degré les phénomènes de l'évolution, sont composés principalement d'unités élémentaires possédant une extrême mobilité. Les propriétés des substances, bien que détruites pour nos sens par l'effet de leur combinaison, ne sont pas détruites en réalité; il résulte du principe de la persistense de la force, que les propriétés d'un composé sont chacune pleinement en action, bien qu'elles se masquent mutuellement.»

Em poucas palavras o laureado pensador, ainda pelos tempos que correm sem maior, cimentou a lei da conservação da substancia, integralmente como sahira das mãos do grande espirito com que a França cedendo ao imperio das circunstancias, houvera de macular-se.

No transformismo, porém, das multiplas e complexas combinações das unidades chimicas, é facto que se infere mesmo fóra do methodo experimental.

Do equilibrio estavel na forma crystalina á instabilidade mollecular do protoplasma, medeia uma incognita que a mechanica não longe resolverá como Wæller pela synthese da uréa feriu de morte a «vis vitalis» de Barthez.

\* \*

Cada vez mais a sciencia hodierna confirma que o substractum material nas duas series é o mesmo protoplasma a despeito de um coefferiente mollecular especifico para cada individuo, e que a subjectividade da observação não logra empanar, a objectividade do facto.

As manifestações dos phenomenos biologicos nas duas séries se indentificam se continuam: Nutrição — Reprodução — Sensibilidade — Locomoção.

\* \* \*

A complexidade organica foi durante muito tempo motivo de afastamento entre a Monera

Fundada, porém, a theoria cellular, compreendida a divisão do trabalho physiologico, viu-se então que as funções basicas da monera como do Vertebrado são as mesmas proporcionalmente especializadas segundo o typo anatomico da especie considerada.

Por muito tempo praticaram-se as definições do sabio naturalista Carlos de Linneo: Mineralia sunt.

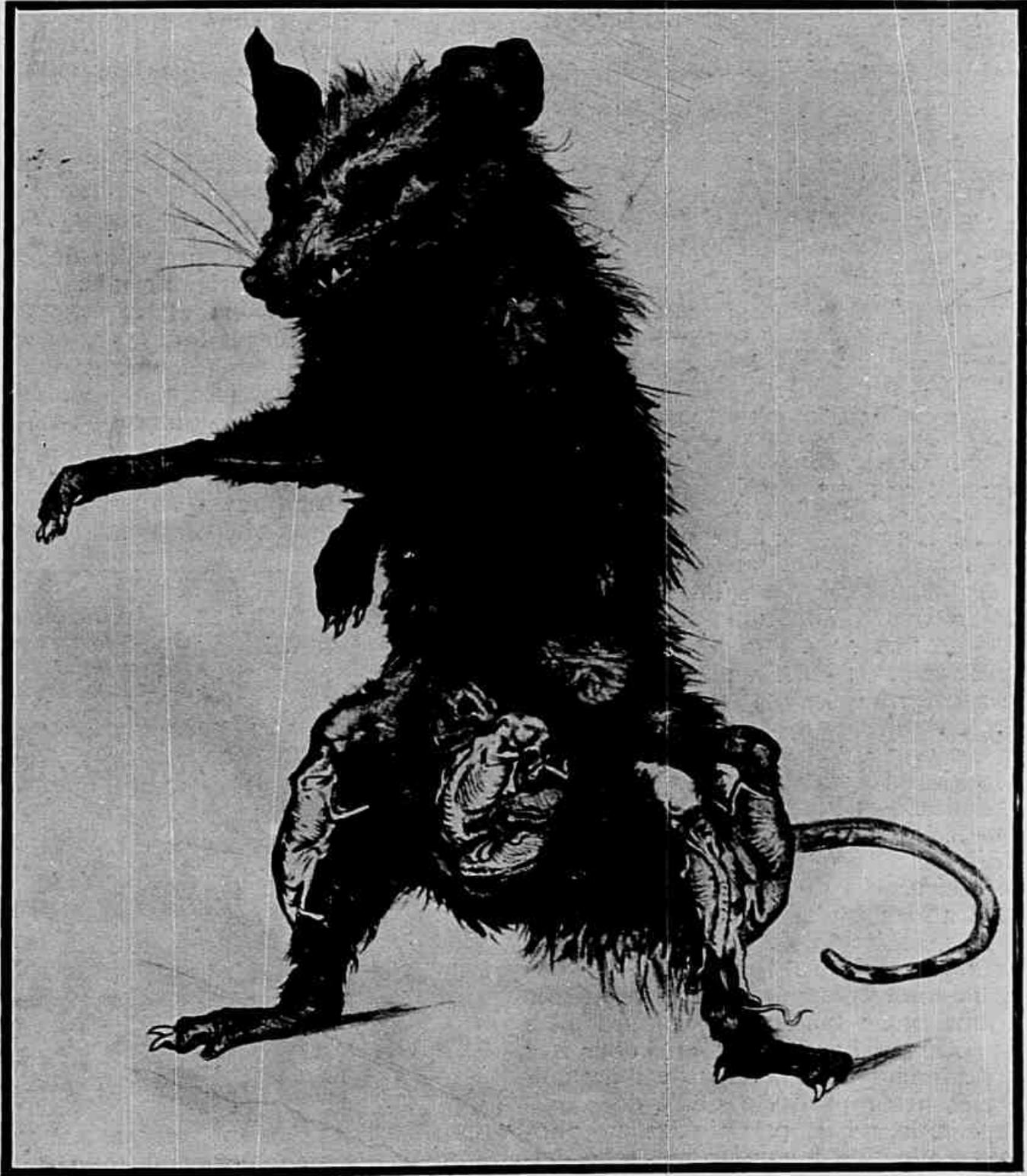


FIG. 1 — DIDELPHYS CANCRIVORA, VULGARMENTE — GAMBÁ OU SARIGUEA

e o Vertebrado — é que imperava a miragem Anthropocentrica como patriarcha filho da mesma argilla que se não animou á supplica de Miguel Angelo!!...

Vegetalia sunt crescunt et vivunt.  
Animalia sunt crescunt vivunt et sentiut, até que Claude Bernard anesthesiando a mimosa pudica, Pelletan observando a motilidade ex-



pontanea das Diastomaceas, Charles De Roy provocando a locomoção do *Fuligo septica* e Carlos Ernesto Hæckel demonstrando a vida mineral, proclamaram a una voce a unidade biologica dos tres reinos.

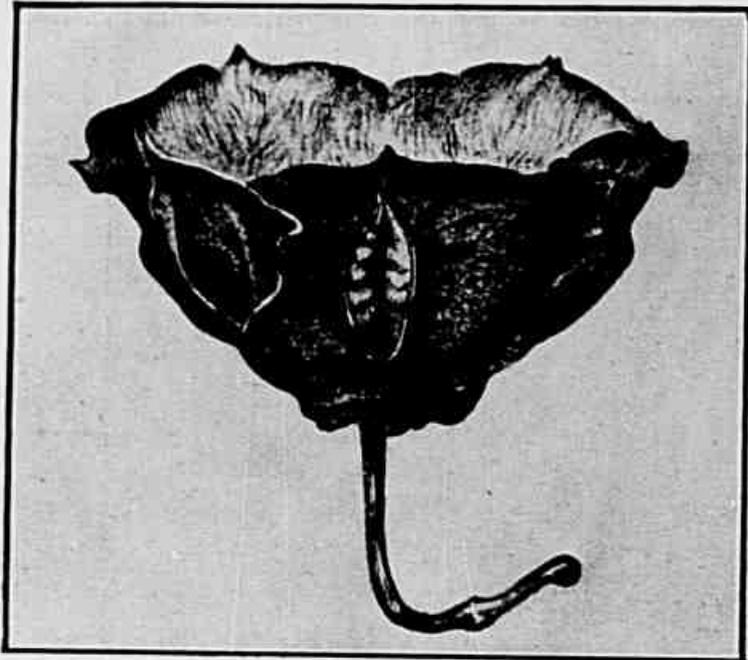


FIG. 2 — FRUCTO DA ABROMA FAUSTOSA VISTO LATERALMENTE

\* \* \*

Carlos de Linneu — ainda na sua finalidade theologica, sobre a « magna questão » assertava:

« Species tot sunt diversæ quot diversas formas ab initio creavit infinitum est; e assoberbado pelos ensaios transformistas seu contemporaneo acrescentava: « natura nou facit saltus. »

Sobre a origem dos especies toda gente sabe do que foi theatro o memoravel anno de 1859 em que Carlos Darwin (por uma traquinada ouvira do Avô: és a vergonha da familia) legava á sciencia essa luminosa verdade: A Origem das Especies, pelo transformismo com suas causas efficientes: herança e adaptação.

D'essa época em diante a Zoologia emancipou-se da aridez taxonomica em que fôra amortalhada pelo Barão de Cuvier, que dizia:

« Pour nous qui dès longtemps faisons profession de nous en tenir a l'exposé de faits positifs nous nous bornerons au jourd'hui á faire connaitre aussi exactement qu'il nous será possible l'exterieur et l'interieur de notre animal. Cuvier nessa profissão de fé de positivista a seu modo, zelava pela fixidez morphologica do grande Ser intransigentemente, deixando para as horas de lazer o mystico transporte para o supremo osculo ao Infinito Creado que só podia concluir e generalisar.

\* \* \*

Quanto ao — natura non facit saltus — se subsiste aos ataques da paleontologia, se esborôa

ante os estudos de anatomia e embryologia comparadas do professor Carlos Ernesto Hæckel, que lhe deram a lei fundamental da biogenia: a ontogenia é uma recapitulação abreviada da philogenia.

A mesma anatomia comparada tinha fornecido a Huxley um dos classicos theoremas da anthropologia:

« Entre l'homme et les singes supérieurs la différence est moindre que celle qui existe entre ces même singes supérieurs et les singes inférieurs. »

\* \* \*

Ainda na persistencia de um marco limitante, physiologistas ha que ditam:

O vegetal é um aparelho de synthese.

O Animal é um aparelho de analyse; se assim fosse perguntariamos nós: como a propria physiologia havia de explicar a assimilação que faz o vegetal das polysaccharides e mesmo albuminoides (aleurona) que tinha em reserva como explicar a necessidade das zymases dos vegetaes: saponase — amylase — inulase — , etc.? Como explicar a assimilação dos albuminoides nas plantas carnivoras? no proprio Homem como explicar o apparecimento do glycogeno na glandula hepatica senão por synthese?—

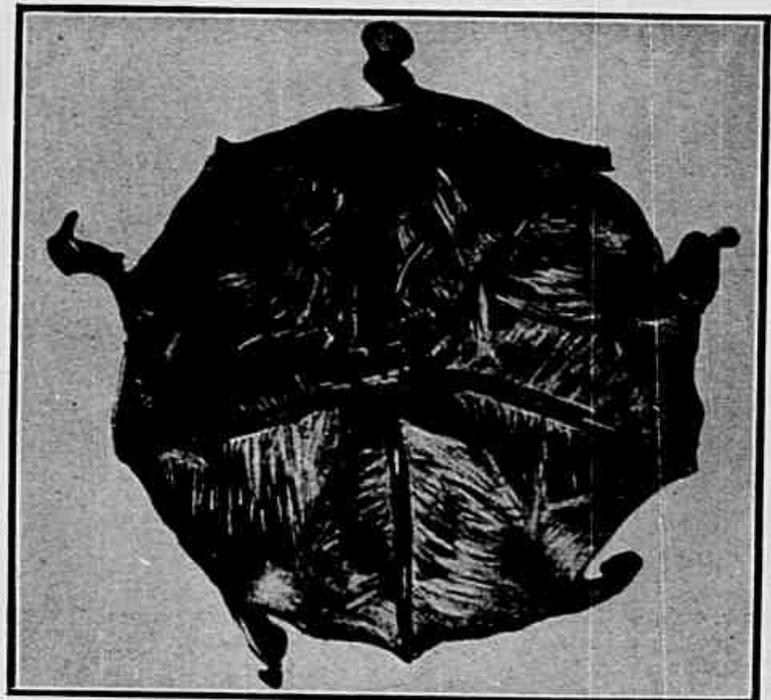


FIG. 3 — O MESMO FRUCTO, DE FRENTE

\* \* \*

Bichat ainda pretendeu afastar o Animal do Vegetal por um processo de vida animal e vegetativa. porém, hoje taes ideias pelo tempo em que viveram imprecam a complacencia da posteridade.



Das mãos do naturalista Byspen recebeu a biologia um isomero da cellulose — a tunicina — que por muito tempo se pensou fosse uma produção peculiar da cellula vegetal.

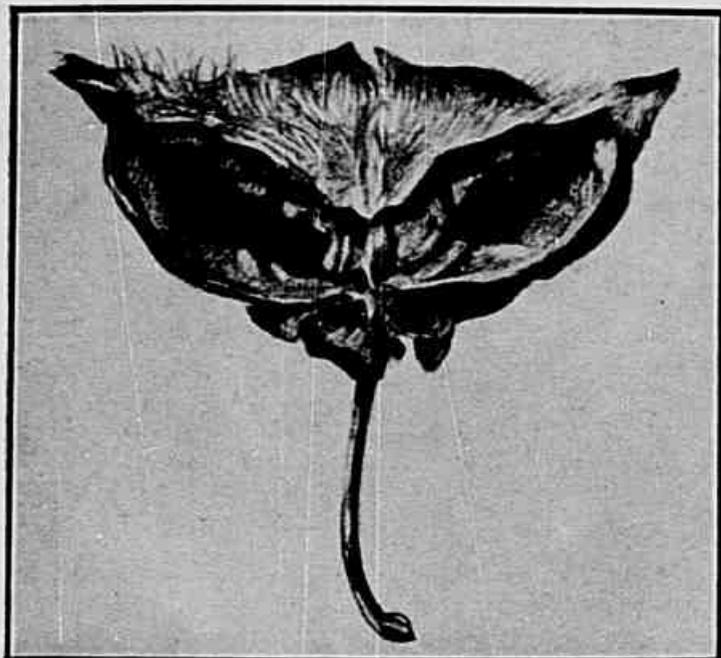


FIG. 4 — CÔRTE TRANSVERSAL DO FRUCTO DA ABROMA FAUSTOSA MOSTRANDO AS BOLSAS JÁ SEM SEMENTES

Por tudo isso se comprehende que só e relativamente pelo criterio da forma a priori convencional, pode o naturalista separar os representantes dos dois reinos de que o *Bathybius Hæckeli* constitue ponto commum de partida. Mesmo em presença de um grande grupo de animaes, achou-se o naturalista embaraçado, para decidir de sua systematica, sómente pelo criterio da forma, e como a metamerisação d'aquelles é analoga a cladotaxia vegetal, foram classificados de phytozoarios.

E pois que vimos arder á luz dos factos, tantos principios gerados por interminas vigílias, sabido que muitos não recuaram ante as convicções do proprio holocausto ás aras de Minerva — uma verdade pairou mais alto: existem seres vivos — que a convenção scientifica por didactica circunscreveu em dois termos: Animaes e Vegetaes.

Vae para quatro annos quando em excursão de herborisação inter Paineiras e Tijuca encontramos um Arbusto cujo *Fructo* desde logo nos prendera a attenção. A esse tempo já nossa collecção carpologica montava por mil e tantos espécimens (de que metade temos

no laboratorio de Historia Natural da Faculdade de Medicina) porém nenhum delles possui a textura e estrutura d'aquelle sobre que tanto tempo meditamos procurando intescrutar o seu «porque» da morphologia e physiologia.

Tres annos depois encontramos o referido especimen no Jardim Botânico (que por seu eminente Director nosso mestre Dr. J. Barbosa Rodrigues nos tem sido carinhosamente confiado para estudos tantas vezes ellucidados por seu sabio conselho).

No Jardim Botânico dois annos acompanhamos a floração do mesmo Arbusto com o seguinte resultado:

Na primeira florescencia verificamos que houve auto-fecundação por cleistogamia porque forçamos a anthese separando as antheras, continuando o ovario a se desenvolver, dando o fructo cuja dehiscencia se fez plena um mez depois; na segunda fructificação logo após a dehiscencia retiramos as sementes: em virtude da pouca permeabilidade do perisperma perfuramol-as emergindo-as desde logo no alcool absoluto por 48 horas, em seguida incluímol-as na parafina onde por cortes seriados observamos:

Que a nucella se conservava distincta sem o menor vestigio de amyloleucites mesmo em presença do iodo; que o embrião se não havia formado de todo, o que se tornou patente co'as innumeradas sementes que n'aquella mesma occasião havíamos plantado e que não germinaram.

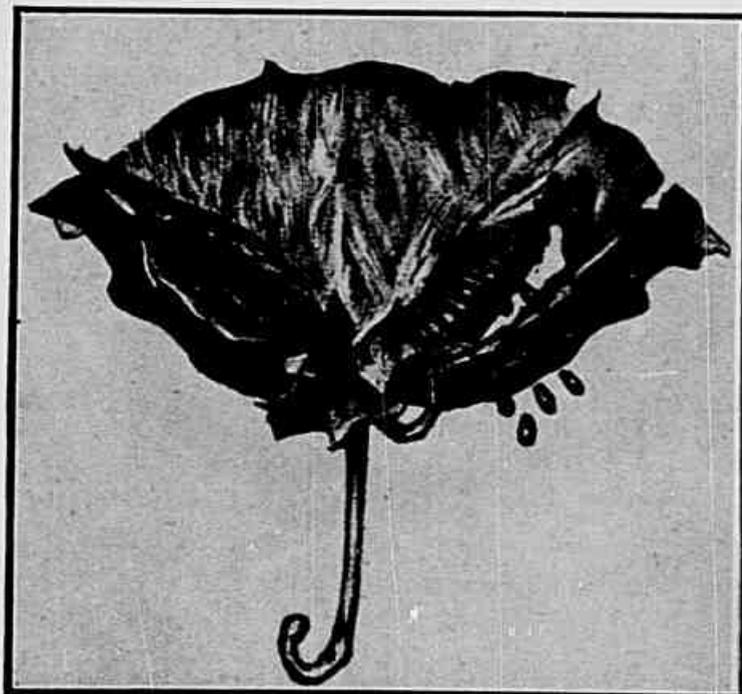
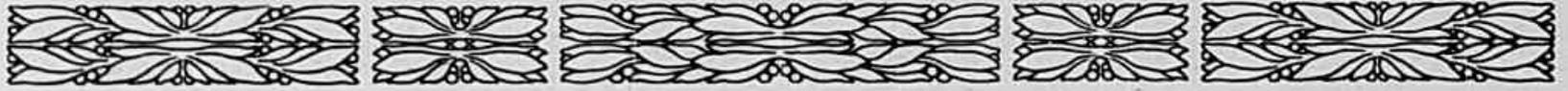


FIG. 5 — O MESMO CÔRTE COM AS SEMENTES AINDA EM PLACENTAÇÃO E JÁ DISSEMINANDO-AS PELA ABERTURA DA BOLSA

Um mez depois retiramos da mesma fructificação sementes outras que plantadas germinaram (de que temos dois individuos aqui á rua S. Miguel n. 1, estrada nova da Tijuca).



D'est'arte passamos agora a descripção anatomica do referido *fructo*:

E' uma capsula membranacea de pericarpo pardo-pubescente, angulo-sub-alada, semi-espherica penta-carpellar de dehiscencia loculicida e cujos loculos correspondem ás *bolsas marsupiaes*.

Dada a dehiscencia, sobre cada septo divisor, superior e parallelamente á placeitação das sementes existe cerrada pubescencia correspondente a cada loculo que ao modo das bolsas marsupiaes ao mesmo tempo que abrigam as sementes até completo desenvolvimento, logo depois abrem-se disseminando-as.

### CONCLUSÃO:

Se physiologicamente a dehiscencia dos fructos natural ou por putrefação se opera quando as sementes tenham attingido poder germinativo sufficiente — *neste Fructo* — a dehiscencia naturalmente se opera muito antes das sementes a termo, ficando desde logo ao abrigo do loculo (bolsa) onde se dá como nos marsupiaes o desenvolvimento ultimo.

\* \* \*

Os marsupiaes são mamíferos carnívoros aplacentarianos nos didelphos, que tiram seu nome de um sacco em forma de bolsa que a femea possui na região abdominal onde aloja os filhos logo depois de nascidos e onde permanecem longo tempo até completo desenvolvimento.

Este que illustra nosso estudo é o *Didelphys cancrivora* (vulgo gambá ou serigüea).

\* \* \*

O Fructo pertence ao Phanerogamo — *Abroma faustosa* — assim classificado por De-Candolle em seu *Produmus systematis naturalis regni vegetalis*:

Ramis muricatis, foliis adultis pube stellari et simplici spassa scabris, capsulae alis apice sub-truncalis, angulo exteriori elongato acuminato.

5 in Timor et Nova Hollanda.

\* \* \*

Confirmando a Classificação do nosso Jardim Botânico, encontramos ao dissecar a flôr, no genero *Plantaruna* de Bentham & Heecker: Calyæ—5. Petala—5, ungue dilatato—concavo basi intus late glandulifero, lamina stipitata ovata patente. Staminum urceoli lobi—5, apice antheri, petalis alternis, obcordati, basi utriunque antheriferi; antheræ in sinibus—2—4 substipitata, locus divaricatis.

Ovarium sessile—5—loculare loculis  $\infty$ —ovutatis; styli—5 breves conniventes.

Semina  $\infty$ , albuminosa; embryo rectus cotyledonibus planis, cordatis radícula hilo proxima. Corolla sordide purpurea.

FELIX ARMANDO DE M. FRAZÃO.

(Conservador do Herbario da Faculdade de Medicina).



## CURRALEIROS DE AMARO LEITE

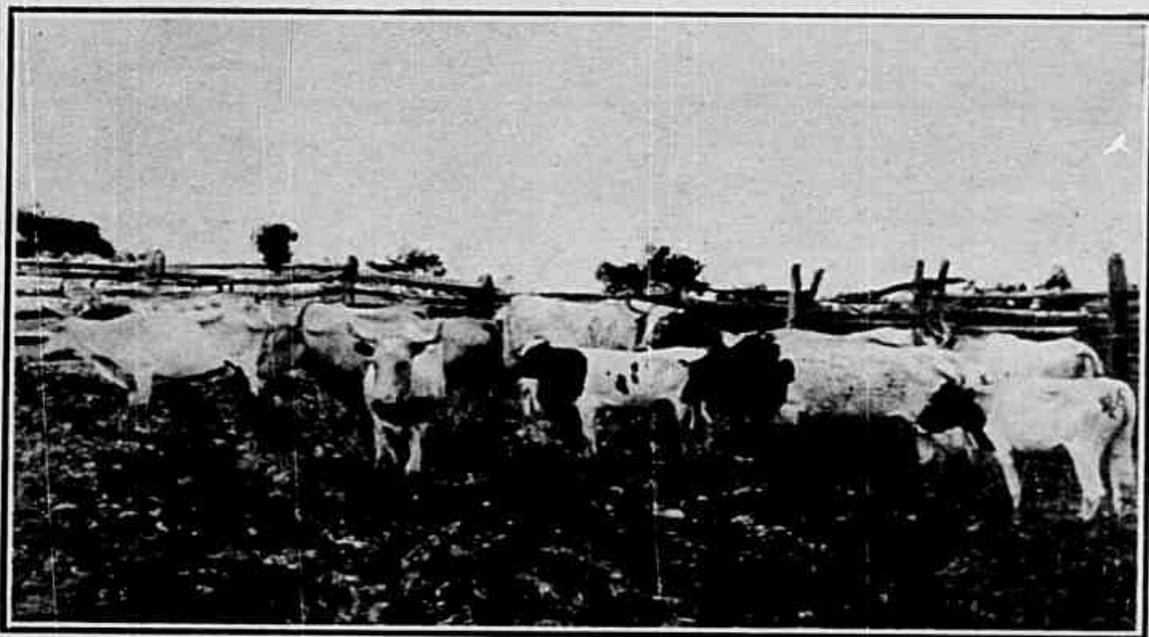
CONTA-SE por mais de seculo a existencia em Goyaz dos vaccuns conhecidos por «Curraleiros» dos sertões de Amaro Leite, lugarejo assim chamado em memoria do seu descobridor, o famoso bandeirante desse nome.

Por muitos annos sua distribuição geographica fôra tão sómente as zonas pastoris comprehendidas entre a margem direita do Araguaia, desde a foz de Crixá-assú, e o arraial de Amaro Leite, celebre pelas suas jazidas auríferas e, riquezas das pastagens nativas. Referindo-se ao descobrimento desses campos, já então povoados de vaccuns e cavallares, provavelmente trasalhados das fazendas mais proximas devastadas pelos indios «Canoeiros», diz o Marechal RAYMUNDO DA CUNHA MATTOS, «Um estreito boqueirão serve de entrada para aquelles immensos pastos, a que deram o nome de Pintados, e nos quaes se vão estabelecendo alguns moradores de Amaro Leite e Piedade: outros chamam-lhe — Terra Nova.»

Pelos seus caracteres fixos, e mais qualidades distinctos, inconfundineis, o Curraleiro de Amaro Leite constitue desde muitos annos uma raça bovina tal como as assim consideradas na Inglaterra, com a differença, porém, de, ao envez destas, de formação artificial, ter sido a

nossa formada á lei da natureza, mercê do clima e magnificencia dos campos nativos onde predomina o incomparavel capim de raiz — por ventura a mais rica graminea forrageira mundial.

A raça bovina de Amaro Leite lembra a variedade chilena de côr alazan-tigrada, proveniente da raça andaluza introduzida em 1548 por ALVARADO na região trans-andina. (\*) Também poder-se-á considerá-la um dos mais decisivos factores ethnicos da excellente «Caracú», outra variedade bovina de origem indeterminada, de formação espontanea, ou melhor, uma



CURRALEIROS DE AMARO LEITE — GOYAZ

variação desordenada, como a raça nhata do Chile (*ñata-oxen* de Darwin) (\*\*) e os estima-veis mochos de Goyaz e Paraguai.

Caracteristicos do nosso Curraleiro: estatura média, porte bem conformado, barbella nascendo do meio do pescoço para baixo; pello fino, sedoso, geralmente amarello, e ás vezes todo branco, au alvação, neste o pescoço preto como se vê de uma das nossas gravuras) e na testa dezenha-se um triangulo branco; chifres não mui desenvolvidos, a partir da inserção ligeiramente inclinados para a frente, depois se curvando para dentro até terminarem com as pontas voltadas para traz.

A vacca é quasi sempre bôa leiteira e mui prolifica. O boi Curraleiro é excellente para carro e todo serviço rural, sujeitando-se

(\*) Daniel Monfallet — *Les Races Bovines*.

(\*\*) Este vocabulo usual no Chile, também occorre no Brasil Central, e significa animal cuja mandibula inferior é mais saliente do que a superior. Os dictionaristas da nossa lingua não o registram e Candido de Figueiredo confessa desconhecel-o.



CAPIM DE RAIZ, Á MARGEM DE UM LAGO NOS BAIXÕES DO ARAGUAIA



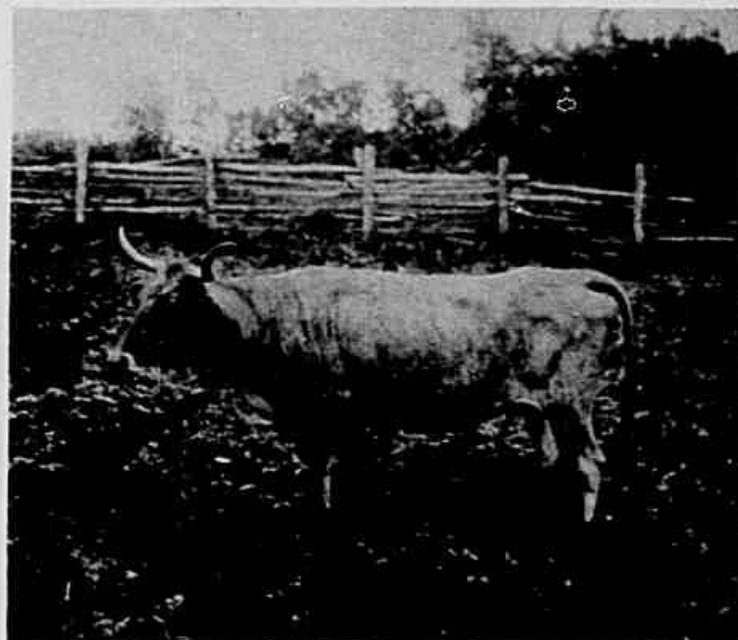
com resignação ao trabalho que lhe dá o homem; distingue-se também pela força e agilidade. Nenhum bovino nacional possui carne mais saborosa, principalmente quando apascentado nesses campos do norte goyano, que uma das gravuras representa.

A última gravura mostra-nos uma rez curraleira metida até ao peito na cavidade de um

base ou matéria prima tão preciosa, de que necessitamos para, com reprodutores de raças



MOITA DE BURITIRANA OU CARANÁ, NOS SERTÕES NORTE DE GOYAZ



VACCA CURRALEIRA

melhoradas, damos ao gado indígena as qualidades específicas de que outro dia nos fallava



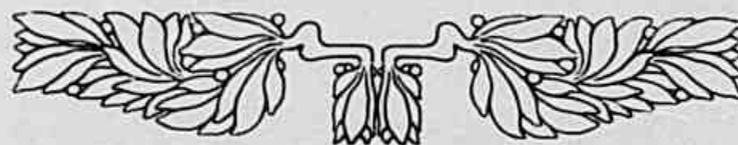
BARREIRO NOS SERTÕES NORTE GOYANOS— A VACCA ESTÁ COMENDO O BARRO SALINO E Á DISTANCIA OUTRA VACCA JÁ IMPANZINADA

*barreiro* que o gado sertanejo avidamente procura; á distancia, de pé no leito do rio, vê-se uma vacca já saciada ou por outra, impanzinada do barro salino que constitue a ribanceira.

Em conclusão — é por certo no gado curraleiro que devemos procurar de preferencia essa

Manoel Bernardez na sua conferencia sobre a organização da industria pecuaria no Brasil.

HENRIQUE SILVA.



## AO REDOR E ATRAVEZ DO BRASIL

### AO LEITOR

○ QUE aqui se encontra, é a narração da viagem que ora realiso, na qualidade de zoologo da Commissão Telegraphica de Matto-Grosso ao Amazonas, confiada á direcção do Major d'Engenheiros Candido Mariano da Silva Rondon, pelo governo do Dr. Affonso Augusto Moreira Penna. Vejamos quaes foram os antecedentes da viagem:

Atravessar o Brasil fôra sempre aspiração minha; eu o preferiria, mesmo a qualquer digressão por terras mais antigas, em geral tão apreciadas pelos meus patricios. Ver de perto as extensões enormes da minha patria, estudar a sua Natureza, eis ahi o que eu considerava uma necessidade para mim que, abracei o estudo da zoologia applicado ao Brazil.

Assim, em principios de 1907, li no Jornal do Commercio do Rio de Janeiro, a noticia de que se preparava uma commissão com o fim de construir uma linha telegraphica ligando Cuyabá no estado de Matto-Grosso, a Santo Antonio do Madeira, no estado do Amazonas; pensei na minha sonhada viagem; éra o ensejo que se apresentava.

Comtudo, tinha então no prélo os dous primeiros tomos da «FAUNA BRASILIENSE», cuja impressão precisava acompanhar. Afastei, por isso, do espirito esse sonho que me fascinava mas que, me parecia não ter ainda o seu momento chegado.

Não mais pensei no assumpto. O trabalho da secretaria do Museu Nacional, aggrega, além das fastidiosas funcções burocraticas a de satisfazer informações diversas, muitas vezes resolvidas pelo expedito e intelligente meio do telephone. Poucos dias depois d'aquelle em que eu lêra a noticia do «Jornal» acima referida, estando na Secretaria, fui chamado ao telephone: Era o Sr. Gustavo Peckolt. Queria saber o nome scientifico da Jaçanã. Dei-o, recommendando cuidado, visto como o nome «Jaçanã» tem duplo emprego na *systematica* vulgar.

Repetio-me o Sr. Gustavo que alguém desejava ter commigo uma entrevista, para obter diversos esclarecimentos zoologicos. Essa entrevista se realisou na redacção da «Kósmos», onde verifiquei ser o consultante o prestimoso amigo, Sr. Carlos José Xavier, Director de uma das secções da Secretaria da Camara dos Deputados do Rio. Ouvia elle de mim o que queria e declarou-me conveniente a minha ida á casa do Major Rondon que, precisava fallar-me. E no dia seguinte mandou-me ainda a seguinte carta:

Compareci á conferencia na qual resolveu, o Major Rondon, que a Commissão levasse commigo um zoologo, um botanico e um geologo para estudarem a região por ella percorrida. O geologo seria fornecido pelo Serviço Geologico e Mineralogico do Brasil, a que se faria requisição no momento opportuno. O zoologo seria eu que, ficava encarregado, tambem, de procurar um botanico. N'esse sentido foram convidados os Drs. Pedro Carlos Djalmar Durén e Erust Hemmendorff, da Suecia, que não puderam acceitar a commissão, sendo então proposto o Sr. Carlos Frederico Hoehne que iria na qualidade de botanico auxiliar.

Ulteriormente o Sr. Gustav Edwall empenhou-se para seguir como botanico, o que se dizia realisado em contracto, quando sahi do Rio de Janeiro. Tambem o Sr. Derby se empenhou para que fizesse parte da mesma commissão o Sr. Carl Carnier, geologo allemão. E visto como o Serviço Geologico, solicitado pelo Ministerio da Viação já havia indicado o engenheiro Cicero de Campos que acceitou o encargo, foi o Sr. Carnier encumbido da parte ethnographica da expedição.

Mas, tudo isso se fez já em 1908, de Março á Junho, justamente um anno depois de ter sido combinada a realisacão do serviço de sciencias naturaes junto á Commissão Telegraphica de Matto-Grosso ao Amazonas.

A' 30 de Março recebia o Sr. Dr. J. B. de Lacerda, Director do Museu Nacional, uma carta official do Ministerio do Interior, acompanhando nm officio do Sr. Dr. Miguel Calmon, Ministro da Viação, requisitando os meus serviços para a commissão.

Com quanto esse officio tivesse a nota de urgente, só a 27 de Julho pude partir do Rio, pois só á 23 d'esse mez me deram na Direcção dos Telegraphos, os meios necessarios para a viagem. Não obstante, o intervallo de tempo foi aproveitado para a sua organisação, no que foi muito auxiliado pelo Sr. Inspector Francisco José Xavier Junior, verdadeiro braço direito do Major Rondon. Explicados, em resumo, os antecedentes, entremos no assumpto.

\* \* \*

O processo mais seguro para o desenvolvimento de uma narrativa da natureza da que estou fazendo, é o que observa a ordem natural dos factos atravez dos tempo. Recolhidas as notas durante o dia são depois passadas para aqui; trata-se, portanto, de um verdadeiro — *Diario* — que além de evitar as falhas da memoria, incapaz de registrar e reproduzir chronologicamente, depois de um periodo tão longo quanto o que exige a travessia do Brasil, todos os acontecimentos e todas as observações feitas

no trajecto, ainda tem a vantagem de revelar a natureza do trabalho executado por epochas certas e a de fornecer a viajantes futuros uma fonte segura de informações.

Passemos pois ao

## DIARIO

A' 23 de Julho fui levar ao Exm. Sr. Dr. Miguel Calmon, Ministro da Viação, as minhas despedidas. S. Ex. que, pela anterior apresentação me havia recebido de modo verdadeiramente captivante, não havia chegado ao Ministerio até ás 7 da noite. A' 27 deviam partir e para uma tão longa viagem nunca o tempo exigido pelos preparativos é demasiado. Solicitei do Sr. Capitão de Fragata Jovino Ayres, Bibliothecario do Ministerio, o obsequio de me representar junto ao Sr. Ministro pedindo ordens e me retirei a fim de arrumar as minhas malas.

*27 de Junho* — E' sempre triste o afastamento do lar. Por isso, ainda que o entusiasmo que despertam os empreendimentos aventureiros, a promessa de novidades de uma viagem por zonas inexploradas e o conforto do acompanhamento dos amigos, me trouxessem a força necessaria para que marchasse avante, cheguei a ter inveja dos que ficavam.

— Meu pae, porque te vaes embora?

Me perguntava o meu filho Paulo, um menino de 4 annos de idade.

No apuro de responder a um tão joven interlocutor, de modo a fazer-me comprehender com clareza, procurei resumir:

— *Caçar todos os bichos* de Matto-Grosso, guardal-os e trazel-os, para saber o que elles são e para que servem. Quer dizer que vou sahir para trabalhar muito, meu filho:

O menino olhou-me n'um sorriso em que havia pranto e replicou-me:

— Oh! Não vás: pois *isso é trabalho?*

Tive que ser mais extenso. Mas, quanta gente não terá nos labios a mesma interrogação?

Que iria fazer um zoologo na Comissão Telegraphica?

Que irião fazer um botanico e um geologo? Qual a utilidade d'esse pessoal? Compensaria o seu serviço as despezas do Estado?

A minha terra, o Brasil, existe ha 400 annos; dispondo de uma extensão territorial verdadeiramente phantastica, das florestas mais bellas da superficie da terra, de uma multiplicidade espantosa de formas vivas, ignora quasi completamente o que possui!

Onde os livros didacticos *escriptos na nossa lingua?* Os que são encontrados nas escolas, póde-se dizer, reproduzem a natureza da *França* com especialidade.

Entretanto já a velha Europa está farta de saber o que nós temos.

As principaes obras sobre a natureza brasileira estão nas revistas das academias e sociedades scientificas da Inglaterra, da Allemanha, da Austria, da America do Norte e, porfim da França. E porque isso succede? Por que é que os europeos e os norte-americanos conhecem a nossa natureza melhor do que nós?

Porque elles já aprenderam que o conhecimento exacto de todas as cousas é o melhor meio de tirar d'ellas *todas as vantagens* possiveis para a *nossa vida* na terra.

Vivemos na Natureza e da Natureza; precisamos, portanto, conhecel-a.

E como chegaram os estrangeiros ao melhor conhecimento do Brasil do que os brasileiros?

Muito simplesmente por meio de expedições que se succedem, seja qual fôr o custo em que importem e ás quaes nem sempre estão alheios os governos das nações á que pertencem os excursionistas.

Assim foi que tivemos as viagens de Natterer (18 annos no Brasil!), de Pohl, Mikau, Spix e Martius, D'Orbigny, St. Hilaire, Lalande, Langsdorff, Burmeister, Darwin, Castelnau, Rognel, Poeppig, Wallace, Thereza da Baviera, Spruce, Weddel, Kuntze, Lindman, Malme, Piggel, Trail, Wettstein, Steindachner, Agassiz, e outros. Quantas foram as expedições brasileiras? Da natureza, isto é, com um tão largo raio de acção qual a d'agora uma só; a celebre «Expedição das Borboletas» de que foi chefe o Dr. Freire Allemão e cujos resultados infelizmente foram por aguas abaixo. (1)

Não obstante ter o nosso Governo concorrido (2) para auxiliar excursões de estrangeiros — pelo lado material nada tem adiantado, pois que tudo quanto os excursionistas colligem é remettido para fóra do paiz, onde vão servir de base aos trabalhos que acima fallei.

Esse processo evidentemente não serve, de vemos guardar religiosamente as provas materiaes das asseverações dos livros!

E uma vez que possuímos Museus, é para esses que deve convergir todo o auxilio dos poderes publicos, á par de uma fiscalisação mais severa dos respectivos serviços. Com as verbas de que são dotados, torna-se impossivel exigir-se d'elles um bom serviço de exploração; e é a taes estabelecimentos que incumbe eliminar os disticos de — DESCONHECIDO — do mappa da Republica.

Com o pouco que possuem, o que elles tem feito é bem pallido em relação ao que de-

(1) No tempo colonial, Alexandre Rodrigues Ferreira realisou uma expedição scientifica por conta da Metropole, mandando muito material para o Museu de Lisboa, material esse que em parte se perdeu e em parte foi arrecadado por um dos St. Hilaire, durante a invasão dos francezes. Os trabalhos de Ferreira, na maior parte ainda ineditos, perderam, em muitas cousas, a oppor-tunidade.

(2) Neste particular temos sido até criminosos, alienando collecções que não mais obteremos e que são motivo de mofa, entre nós, dos actuaes possuidores.



vem produzir. E parece que mesmo esse parco trabalho que apparece, é o fructo de sacrificios que pézam sómente sobre o desventurado que se arrojou a executal-o.

Os museus são outras tantas bibliothecas onde, em vez de palavras e estampas, são encontrados — *os factos e as suas provas*. E se as bibliothecas propriamente ditas são importantes porque encerram os livros que, disseminando o saber, são a base de todo o progresso humano, essas *bibliothecas concretas* não o são menos, por encerrarem a expressão exacta da Natureza ou as licções materiaes do proprio saber humano.

E' por isso que os europeos e americanos do norte, scientes do valor de taes repositórios não poupam esforços nem sacrificios para possuil-os e enriquecel-os.

Nos museus aprendem os mestres. Na Europa e na America do Norte as academias são-lhes sempre aggregadas. E é para constituir bons museus, capazes de utilidade que se viaja colleccionando *os factos com as respectivas provas*. Se para aprender o que já se encontra nos livros, o estado gasta annualmente sommas avultadas, recompensados estarão os sacrificios feitos em prol do adiantamento da sciencia pela qual labora toda a humanidade.

\* \* \*

Eis o que me fizera pensar a ingenua phrase do pequeno Paulo! Era preciso deixal-o; deixar ainda o inconsciente Victor, recém-nascido, deixar a companheira dos meus dias — a minha Esposa, deixar minha extremosa Mãe, meus irmãos, e amigos em busca de novos documentos para illustração da nossa querida Patria! Os meus filhinhos, todos os meus lucrarão, tambem, com isso. Demais, a separação será por pouco tempo.

\* \* \*

Tambem o dia entristeceu e se nublou; e pelas 4 horas «Jupiter» o navio do Lloyd que nos transportava, rouquejou o adeus de despedida á «Bahia de todas as Bellezas» Estavamos

#### NO ATLANTICO SUL

*28 de Junho* — A tarde e a noite de 27 foram realmente desagradaveis. Houve muito mar e, por isso, algum soffrimento. Entramos em Santos pela manhã. A impressão da cidade é desfavoravel quanto á esthetica. Vê-se, porém que ali ha trabalho. Região baixa, com a serra de Cubatão ao fundo, grandes mangaes marginando o canal que dá accesso ás docas da cidade e tambem o litoral. Visitei o mercado onde comprei 29 especies de peixes, em diver-

sos exemplares; ás mãos de mercadores havia alguns do marrecão — *Metopiana peposaca* (Vieill.), cujo habitat não está ainda assignalado para o estado de S. Paulo.

*29 de Junho* — PARANAGUÁ. — Impressiona bem a cidade. Já de longe se vê o edificio vermelho da futura Alfandega, qual um castello em valle encantado; as casas brancas entremeiadas de arvores fructiferas, a aguda torre da matriz catholica, sobresahindo do plano sub equal das demais construcções, a serra da Prata, azul, acuminada, formando terceiro plano e aos lados as serras de mediocre elevação que servem de moldura á bahia, raza e caprichosa. Desembarquei, obtendo do meu cunhado Tenente Commissario da Armada, Jorge M. Pereira, alguns animaes bons. Na bahia vimos *Larus dominicanus*, Licht o Gaivotão, companheiro de viagem desde o Rio e incansavel voador. E' tambem um bom farcista, preparando peças aos geologos. Na viagem ao Polo do Sul que, a bordo do «Belgica» realisou o naturalista Racowitza, observou este que o Gaivotão, apanhando conchas com molluscos, vae abril-as n'um lugar certo, a fim de devorar estes ultimos; passado tempo, construiu elle um pequeno *Sambaqui*, no vertice d'uma rocha elevada. Vem um geologo descuidado, encontra o monte de ostras já unidas pelo musgo ou limo, em taes alturas e, da surpresa do achado cahe na esparrella de toda uma theoria de revoluções e movimentos geoligocos... E tudo foi trabalho do Gaivotão..

Em Paranaguá ouvi chamal-o por outro nome — «Maria-Velha» nome, talvez de guerra, adoptado em consequencia d'algunha tropelia. Uma outra ave me prendeu a attenção. Ouvi chamal-o Trinta-Reis-dos-Grandes, designação provavelmente erronea e devida á má comprehensão do meu informante, um catraieiro do lugar. Eu a vi solitaria, nadando sobre as ondas um tanto revoltas ou, voando em perseguição de outras gaivotas, para lhes tomar alguma prêsa. Pareceu-me ser *Ossifraga gigantea* Oml.

*30 de Junho* — Em S. Francisco menos ainda obtive. Realisei, em companhia do Sr. C. Hoehne uma excursão á ilha dos Coriscos. Haviam me informado ser ella um ninhal; e lá fui na esperanza de encontrar alguma cousa, não obstante a época impropria. Só encontrei tres ninhos, um dos quaes me pareceu novo. Era de *Larus dominicanus*, não tendo ainda ovos. Constituido de um trançado mal feito de pequenos galhos, em posição abrigada do vento e do sol, pelas folhas das arvores, em cujos ramos entrelaçados elles estavam. A sua distancia do sólo não excedia a 1 e 1/2 metros; debaixo de cada ninho, havia um vasto deposito de restos de crustaceos e molluscos, o que

prova que elles foram utilizados por mais de uma vez. A ilha dos Coriscos, situada n'um dos pontos de maior profundidade da bahia de S. Francisco, é baixa, formada de rochedos e recoberta, no centro, de Bromélias muito espinhosas e de uma especie de arbusto que me pareceu da familia das Myrtaceas. Uma Estrella-do-Mar, um crustaceo (*Aratus*) e um molusco pequeno, foi tudo quanto colleccionei n'essa ilha. Em compensação ao chegar a bordo pude verificar quanto são uteis as perneiras para quem tenha de atravessar logares espinhosos — e eu fôra á ilha dos Coriscos inteiramente desprevenido.

Uma Tamburutaca (*Lysusquilla*) oferecida pelo illustre Deputado Federal, Dr. Luiz Gualberto, completou a série obtida em S. Francisco.

As 10 horas da noite estavamos ancorados na Barra do Itajahy um dos portos brasileiros de mais difficil ingresso. Na manhã do dia seguinte entrou o Jupiter, no porto, atravessando por um canal em forma de V que só muita pericia permite navegar. O navio, no vertice do angulo, quasi toca com os extremos os dous bordos do canal. Itajahy é plana, alegre e bem construida. A sua população, em grande parte allemã, é quasi toda industrial sendo a industria dos lacticinios a mais explorada. O seu povo bom e ordeiro, deixou-me uma impressão muito agradável. O Sr. Hoehne chegou a declarar-se inclinado a transferir para ahi a sua residencia. Parece estar situada n'uma zona bem rica de animaes. Chamou a minha attenção um macaco que me pareceu *Cebus niger* Geoff. Senti bastante não encontrar o proprietario d'este animal que deixou, por isso, de ser adquirido.

A's 4 da tarde chegamos á Florianopolis. Que linda bahia! E que bonita cidade! Em quanto o Jupiter procurava o porto, gosei do espectáculo que ella offerece á vista de forasteiro, na sua posição sobre o declive suave de uma grande montanha, no littoral da ilha de Santa Catharina, fronteiro ao continente. E bôa foi ainda a minha impressão quando descí á terra. Não só a perspectiva é bonita como as construcções são bôas, havendo edificios de gosto. As ruas largas e bem cuidadas, com illuminação regular.

De perto, Florianopolis fez-me lembrar um pouco Petropolis; do mar, me recordára uma gravura que ha tempos eu vira, e representava Napoles. Só lhe faltava a cratera caracteristica de um Vesuvio.

A bahia é soberba, tendo duas entradas — uma ao Norte e outra ao Sul; e me informaram que, quando o tempo ahi se altera, a tormenta não se dá em toda ella — fica sempre calma uma de suas ametades — a de Norte ou a de Sul. As menores embarcações em uso nos

transporte de passageiros para bordo dos navios em transito, são bem maiores que o dobro dos bôtes usados no Rio de Janeiro — por causa — disse-me um catraieiro — da furia do mar, quando ha borrasca. Voltei de terra á noite; quanto á zoologia — nada pude obter.

2 de Julho — As 10 horas zarpamos para o Rio Grande do Sul. O vento forte e o tempo nublado ameaçavam uma travessia trabalhosa. Conservei-me no tombadilho observando o mar, escuro, revoltado e deserto até o cabo de Santa Martha onde um jacto de vapor me denunciou uma baleia. O animal não fugio com a aproximação do navio, me permittindo, assim, que o reconhecesse, n'uma das suas emersões: Era *Megaptera boops* (J. Mull), a baleia commum das nossas costas e facil de reconhecer pelas grandes nadadeiras peitoraes. Era um individuo novo. Nadava para o Norte, certamente em busca do estado da Bahia. Pouco adiante uma enorme ave appareceu; da mesma côr que o Gaivotão, com a differença de ter o uropigio branco e a cauda negra. A forma aguda das longas azas, caracteristicamente curvas em arco regular, taes como as de um andorinhão, mostrava logo um valente voador. Que será ella? Um Albatroz?

Caracteristicamente, acompanha o movimento das vagas, azas immoveis — é o conjuncto que se desloca, firmes as peças de todo o aeroplano; apenas o *leme* — a pequenina cauda — deverá traçar o caminho. E planando em curvas mais ou menos largas, afluando as aguas com as pontas das remiges, ella mostra, ora todo o lado inferior, alvo de neve, que a denuncia contra o verde-negro do mar, ora o manto negro de ebano que se confunde com o pélago; a cabeça branca, ainda que volumosa, e o forte bico amarello, e a macula branca do uropygio, então se disfarçam por entre as cristas brancas das ondas espumosas.

Assim, ora aparente, ora invisivel, eil-a que se aproxima, vindo cortar a proa do «Jupiter», á pequena distancia. Era *Diomedea melanophrys* Teum., o Albatroz pequeno — relativamente á outra especie do genero, *D. exulans* que ainda não foi constatada em nossos mares.

Poucas foram as formas vivas que então vi, desde o Cabo de Santa Martha até o Pharol de Mostardas; mas nem a todas pude reconhecer. Assim succedeu com um pequeno Trinta-Réis de bico curto e preto, rectrizes externas longas e dorso cinereo, graciosa andorinha do mar, eternamente oscillante no azul, donde de tempos á tempos se desprende sobre os incautos peixes que só vista especial pode perceber á tona d'agua. Outra ave negra, feitio de *Uria*, nadava aos pares, á respeitosa distancia. Puffinos negros, pequenos, aos bandos celeres na

fuga, e finalmente, *Aestrelata macroptera* (Smith.) eis as aves dessa zona.

Curioso o vôo d'esta ultima. E' um Puffino todo negro, com uma nodoa alva em baixo do bico, na garganta; e poderá representar talvez, em corpulencia, o dobro do pombo domestico. Repousa muito sobre as ondas, nadando horas inteiras, mas, se vê alguma gaivota com alguma prêsa, eleva-se nos ares e a persegue até tomar conta do achado; nos movimentos bruscos de seu vôo curva as azas longas e estreitas de modo a tornal-as angulosas — juntando-se a isso a côr preta da plumagem, ter-se-ha a figura de um morcego; é o que parece, de longe *Aestrelata*, quando vòa.

O vento rijo e constante estriava o mar de espuma em direcção de Nord'Este. O Jupiter arfando muito, estava por assim dizer, quasi deserto, pois os passageiros se haviam recolhido aos camarotes. Cahio a noite. De cima da cobertura o olhar abrangia a prôa, illuminada pelo pharol de vante, o mar negro, o céu fusco e as cristas fulgurantes dos vagalhões que estouravam no costado do navio. Cortada pela quilha enorme, gemia a agua revolta, rangião as juntas dos madeiros e zunia o vento nos cabos. Vestido á urso, o velho Souza velava no commando, insensivel ao frio de 15 grãos.

Oh! costas bravias do Rio Grande! A Natureza, «essa Biblia» enorme que, infelizmente, nem todos lêem, dá feição ás cousas, aos animaes e aos homens! Apesar de planas as tuas terras como em lago, sobre ellas se desenfreiam os pampeiros; apesar de baixo e sem rochedos, o teu mar é altaneiro e temeroso; e quer em terra e quer n'agua — ou calma absoluta ou tempestade furiosa! Assim é o teu povo — bondoso na paz, terrivel na refrega — sem meios termos.

A 4 de Julho — Pela manhã, estavam fundeados á vista da barra de Rio Grande onde entramos ás 9 horas. Tudo plano n'essas terras de horisontes limpos, illimitados. Muitos bôtos sulcavam o canal até bem proximo do porto. Não me pareceram da mesma especie que os do Rio de Janeiro. Infelizmente éra apenas permitido vel-os... enquanto emergiam d'agua para respirar.

Por sobre o navio passavam bandos de Quero-Queros, annunciando-se com o repetido e plangente brado.

Percorri a cidade que não me agradou. Os melhores edificios que vi foram o da Alfandega, mandado construir pelo Visconde do Rio Branco e o de um banco nacional.

Ao contrario gostei muito do modo lhano e agradável de seu povo.

Na manhã de 5, correndo o risco de perder a viagem, fui ao mercado onde, na vespera eu

consequira algumas aves (1), para comprar peixes. D'elles obtive representantes de 9 especies, todas as que encontrei. (2)

A's 7 horas suspendemos ferro em demanda de Montevidéo. Deixavamos portanto, as Terras Patrias.

O dia 5 foi todo consumido no preparo do material colligido em Rio Grande. Tudo corria bem sendo calmo o oceano. De noite houve, mesmo, animação, á ceia. De subito, entrou o «Jupiter» á apitar, subi á coberta. O commandante estava irado, era a cerração: «Este era o peor inimigo que nós temos» disse-me elle e chamou os marujos para fazer sondagens. A nevoa densa nos envolvia completamente; mas assim mesmo eu percebia na superficie do mar, em torno, as fulgurações produzidas pelos movimentos de animaes que nadavam perto. Que seriam elles? Desenhavam grandes SS phosphorescentes n'aquella escuridão, á esquerda ou a direita, rapidamente, da base para o vertice da lettra. Talvez fossem os Lobos-Marinhos, estavamos perto da ilha que os abriga e certamente andavam á pesca, aproveitando a mansidão do mar.

Na manhã de 6 entramos no porto de Montevidéo, o mais bello do Atlantico Sul, depois do Rio de Janeiro. E' circular tendo a direita de quem entra o magestoso edificio da Universidade e á esquerda o pequeno monte chamado Cerrito em cujo cimo ha o forte desse nome. Há em construcção uma extensa muralha em certa altura, formando uma dôca; fóra estavam os grandes transatlanticos de forte caládo e, dentro uma multidão de navios pouco menores; pelo meio destes entrou o «Jupiter» indo parar junto de dous outros navios brasileiros, o Javary a o Oyapoc, da frota do Lloyd Brasileiro. Na meia lua de uma colina suave, entre os extremos já citados fica Montevidéo. Com um amplo cáes para atracação dos navios, feito de blocos que me pareceram ser de cimento armado, é ella cortada por amplas ruas onde transitam bondes de tracção electrica e animada. Os seus edificios são bellos, havendo muitos de fino gosto artistico. Descemos á terra visitando os principaes pontos da cidade, o Jardim Zoologico o Museu.

Apesar de ahi termos ficado de 6 á 9, nem todos os dias foram gastos em passeios.

O dia 7 foi todo de trabalho pois tendo encontrado no Mercado um bôto interessante, que em Montevidéo chamam «Franciscano» precisei preparal-o para poder transportal-o commigo.

JUREMA.

(1) Nunca vi tanto marreco selvagem. Havia em duas bandas 200 exemplares de *Metopiana peposada*. Outra ave commum no mercado é a perdiz *Rhinchotus rufescens* (Temm).

(2) Em grande quantidade.

## RECORDAÇÕES DE VIAGENS

○ H! de casa?

Oh! de fora pode chegar e apear. Bons dias. Deus lhe dê os mesmos. *Vancê* por aqui, que ha de novidades pela *Côrte*? Nada, a não ser a victoria do partido de meu compadre doutor, que por signal queimou um foguetorio damnado, e abriu muitas garrafas da estrangeira.

Então o coronel perdeu a *manjuba* das pontes, dos concertos de estradas, que nunca se acabavam? *Entonces*? Um dia tudo isso *havera* de acabar-se. Coitado; agora vae vê a força do doutor.

Seu Jeronymo, *vancê* bem viu que eu acompanhava o coronel, por acompanhar, eu não gostei nunca daquella bisca. Vendia tudo caro p'ra gente, e nunca se acabava de pagar; era conta sobre conta.

Agora vou deixar de lhe comprar; e nem lhe pago mais nada, pois elle é que me tinha de passar os cobres, se nós fomos ajustar as contas com escrupulo.

Aquillo é que era um homem de *genio*; não admittia que a gente comprasse um vintem de agulha na loja do doutor, nem que alli se apeasse, ao menos para *matar o bicho*. O doutor não é dessas imposturas. Eu cá é que não procurarei mais aquella casa, que p'ra mim damnou duma vez.

Não diga isso seu Antonio, as cousas podem mudar, e nós termos de voltar á porta do Coronel. *Vancê* bem sabe como elle é zangado; a gente ou faz o que elle quer, ou então tem de *caçar caminho*.

Pois eu não desdigo o que digo, com perdão da palavra e que Deus me não castigue.

Emfim deixemos de falar de bobagens. Como está a *obrigação*?

Nós *tudo* vamos bem, menos as criações, porque entrou uma laseira no curral, que já me matou uma bezerrada sem conta. E' inchar o quarto traseiro, o bezerro deixa de mamar; no outro dia está *esticado*.

*Vancê* por que não fumenta com banha de jacaré é muito bom; ou então mande benzer, que não perde um só.

Mande chamar *sia* Monica, que é quem benze melhor por estas bandas.

E o tal *marruá* que *Vancê* encommendou, seu *Jeronymo*, veio bom? tem bastante cupim?

*Qual que!* seu Antonio, veio um *mal de cuia* na espinha e custou-me os olhos da cara. Tenho de dar por elle dez novillias de 2 annos.

Em que ficou a demanda do major Chico do Curral Queimado? Ah! não fala, *seu Jeronymo*, o juiz não estêve pelos autos e mandou o visinho do major despejar as terras, coitado, que elle comprou e pagou. Não se pode ser pobre neste mundo! Tambem quem mandou elle se metter c'os grandes?

E' verdade, seu Antonio, o casamento da filha mais moça do major com o filho do homem do *Roncador*?

A falar verdade, não sei bem se essa casamento sairá, porque ouço dizer tanta cousa...

Sim; eu tambem já ouvi falar até em mortes, por causa disso.

Mas que diabo de complicação é essa?

São ciuadas.

O noivo é da *pá virada*, *vancê* bem sabe.

Já mandou p'ra outra vida aquelle camarada capenga, que lhe respondeu mal e bateu a mão na *branca*.

Dizem que a moça gosta de um moço da *Côrte*, tocador de violão e contador de lérias.

Ella está toda a vida a chorar por causa delle, mas o pae mais a mãe não querem saber de nada, querem que ella se case pelo gosto delles; mas a moça não quer. E' um bom partido que ella regeita *pra-mode* o amor.

Não sei como acabará tudo isso! O noivo anda muito desconfiado e diz que não conta com desgraça. Eu cá p'ra mim digo que isso tudo vae acabar numa maçada feia, porque o moço tambem é bom no *pinguelo*.

Emfim elles são brancos, lá se entendem.

Olha o café, seu *Jeronymo*, segure a caneca, para eu botar.

Oh! menina, serve aqui a *seu Jeronymo* de bolos.

Obrigado seu Antonio, não posso comer esses bolos fritos; estão com muito aroma, mas me fazem uma revolução no estomago, *a mode* a gordura. E' eu comer, e fico arrotando toda a vida.

O Sr. não janta co'a gente?

Não, vou hoje ainda cobrar uma conta; tirei o dia p'ra ajustar um *camarada* e cobrar essa conta. E' uma divida velha, que com os juros, bem me pode render 3 vaccas paridas e um cavallo de campeio.

O cabra é duro de pagar, mas eu vou disposto a tocar as rezes, ainda que as tenha de pegar no campo.

Como vae de roça? Fez feliz o seu *muchirão*?

Fiz sim; matando uma vacca maninha, um *cevado* e nm monte de frangos.

Da *branquinha*, gastei 2 barris, alambicados no engenho do compadre Olympio.

A derrubada foi grande, uns dous alqueires de planta.



No dia de S. Bartholomeu lasquei fogo na coivára.

Foi um fogo bonito: estava tudo sêcco que nem gravêto.

Mandei fazer um acêro mantena, de sorte que o fogo não passou para o jaraguá mais o catingueiro.

Plantei uma quarta de arroz, um alqueire de milho, meio alqueire de canna, e o resto enchi de bugingangas.

O arrozal está na varzea e promette cachear muito, pois a terra é preta e humida. Lá também está o cannavial.

Appareceram já os boiadeiros seu Antonio?

Ainda não aqui; mas já tive noticias delles nos visinhos.

Estão pagando bem?

A *mode* que sim, porque o compadre Pedro vendêo 20 bois erados, a razão de 60\$000 ao José Rosa.

Disseram-me, porem que este tem uma *balisa* muito alta.

Eu tenho uma boa *ponta*, talvez superior á *balisa* delle, portanto quero que elle me pague de 65\$000 p'ra riba.

A sua *balisa* é boa, regula vinte arrobas, não? Sim, regula.

Seu Jeronymo, já chegaram seus carros?

Ainda não, seu Antonio, tive noticias delles no corrego da Maria Paula, onde estavam de falha, em concertos de um eixo, que se quebrára n'um atoleiro. Os carreiros não encontrando nem *garapa*, nem *balsamo*, arranjaram um eixo provisório de *sucupira* do campo.

A boiada vem muito magra, devido á sêcca.

Já ficaram atrás dous *guias* e um boi de canga.

É o sal, foi comprado em conta? Sim, lá isso foi, 5\$000 o alqueire, sal grosso. Comprei também um pouco de arame de cerca, uns 30 rolos, de 28 kilos.

É do bom? Sim, de farpas unidas. Posso ceder algum se precisar, porque não gastarei todo elle.

Eu acceito uns 5 rolos para inteirar uma conta.

Olha, seu Jeronymo, estão botando a mesa; janta co'a gente? Faço gosto nisso seu Antonio, já que está prompto.

Em pratos esmaltados, sobre alvissima toalha de algodão, com franja de côr, serve-se o jantar, constante de feijão com carne secca e toucinho, lombo de porco assado, arroz alvissimo com folhas de couve, ovos fritos com torresmo e farinha de milho. Um vidro de bocca larga estava atopetado de pimenta malagueta madura, conservada em succo de limão.

Desprendia-se um aroma appetitoso de tão rubra conserva. Os homens acercam-se da mesa, benzem-se e começam a se servir.

Ao meio della estava uma garrafa branca com um liquido incolôr — era a boa pinga, que fazia *seu* Jeronymo dar estalidos com a lingua, sempre que sorvia um *trago*, arregalando os olhos. Terminado o jantar, cuja sobremesa foi cará com melado, seu Jeronymo saboreou uma boa caneca do excellente café com rapadura, accendeu um longo cigarro de palha, feito na occasião, e se despedio. Para humedecer a palha, elle amergulhava na boca, passando-lhe a faca repetidas vezes.

Cavalgou o seu vistoso alazão e partio li geiro.

Seu Antonio, logo após, tomou o seu calção de couro, cobrio-se com um respeitavel chapéu de sola cortida, com enorme barbicacho de carneira, e montou.

Partio a galope. Algum tempo depois ouvia-se ao longe a sua bella voz a cantarolar espirituosas trovas, entremeando o canto de gritos estridentes, que elle soltava no interesse de tocar a *ponta* de gado, que reunira no campo. Eram vaccas paridas, que elle trazia para o curral, afim de prender os bezerros, pois a mulher lhe recommendára, que precisava de leite para fazer uns queijos e requeijões. Tinha recebido um coalho de encomenda e desejava experimental-o.

O requeijão que ella faz é uma delicia, pois deixa queimar um tanto a massa, na occasião de frital-a na manteiga. O requeijão fica com uma côr de havana caracteristica, e com um sabor como poucos.

Logo após a fritura, e quando ainda está mole a massa, é uma delicia comel-a ao sorver de pausados goles de chá de gengibre.

Em via de regra os homens do campo não se dedicam á industria de lacticinios, senão pela contingencia de adquirir o sal necessario ao gado. E' esta conveniencia que faz de cada um delles productor de queijos, manteiga e requeijões, em quantidade sufficiente para apurar o quantum necessario á acquisição do sal.

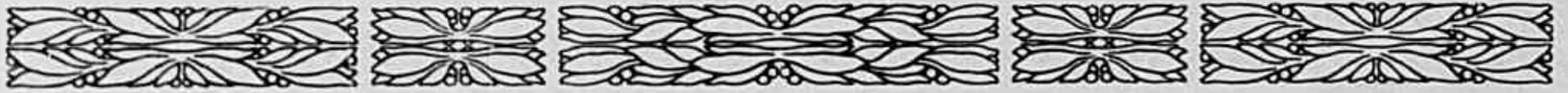
Este é indispensavel ao gado, que definha e degenera quando elle lhe falta. A influencia do precioso regenerador é tão decisiva que se manifesta nas proprias funcções procreatoras.

O gado bem tratado, que tem 4 salgas annuaes, produz mais precocemente que qualquer outro tratado menos carinhosamente.

O berne e o carrapato são dous factores que concorrem em forte escala para o seu empobrecimento organico.

O sal, porém, dado com regularidade e por aquelle numero de vezes ou mais, immunisa o gado e cura-o desse mal, quando já atacado.

E' curiosa a operação da salga, que obriga o criador a ter filas de côchos de tomboril, em terreno de declive, de modo que a agua os



enche successiva e paulatinamente, a partir do mais elevado. Lançado o sal, os côchos são inundados. Depois de completa a diluição, o gado é impellido para os côchos, onde abebecra soffregamente.

Os bezerros aprendem a tomar sal em palha de milho, onde se o colloca previamente.

Abre-se-lhe a boca e nella deita-se o envolucro, devidamente amarrado com atilhos da mesma palha, prendendo-se-lhe a boca com a mão, para que elle o não repilla.

A salga, além de exercer acção tão benefica sobre a economia do gado, é o melhor processo de custeio. O gado assim tratado torna-se manso e avigora-se extraordinariamente.

Em varias occasiões de minha estadia nos sertões presenciei destas scenas e colhi as conclusões que a observação me suggerio.

Muita vez tive opportunidade de vêr a influencia do sal na regeneração de animaes inteiramente pesteados, quasi esqueleticos, que em pouco tempo readquiriam o vigor primitivo.

Em via de regra o sertanejo tem sempre algumas vaccas *dando leite*.

Quantas vezes, após longas e exhaustivas marchas, encontrei *boiões* de excellente coallhada, que eu devorava com raspagem de rapadura e farinha de milho torrada!

No sertão a rapadura e a farinha exercem um papel benefico em favor do viajante, que os conduz invariavelmente para o preparo da *jacuba*.

Quando o sol está a pino e que se encontra um ribeiro de aguas crystallinas sobre leito de cascalho ou arêa fina, não ha quem resista ao desejo de *jacubar*.

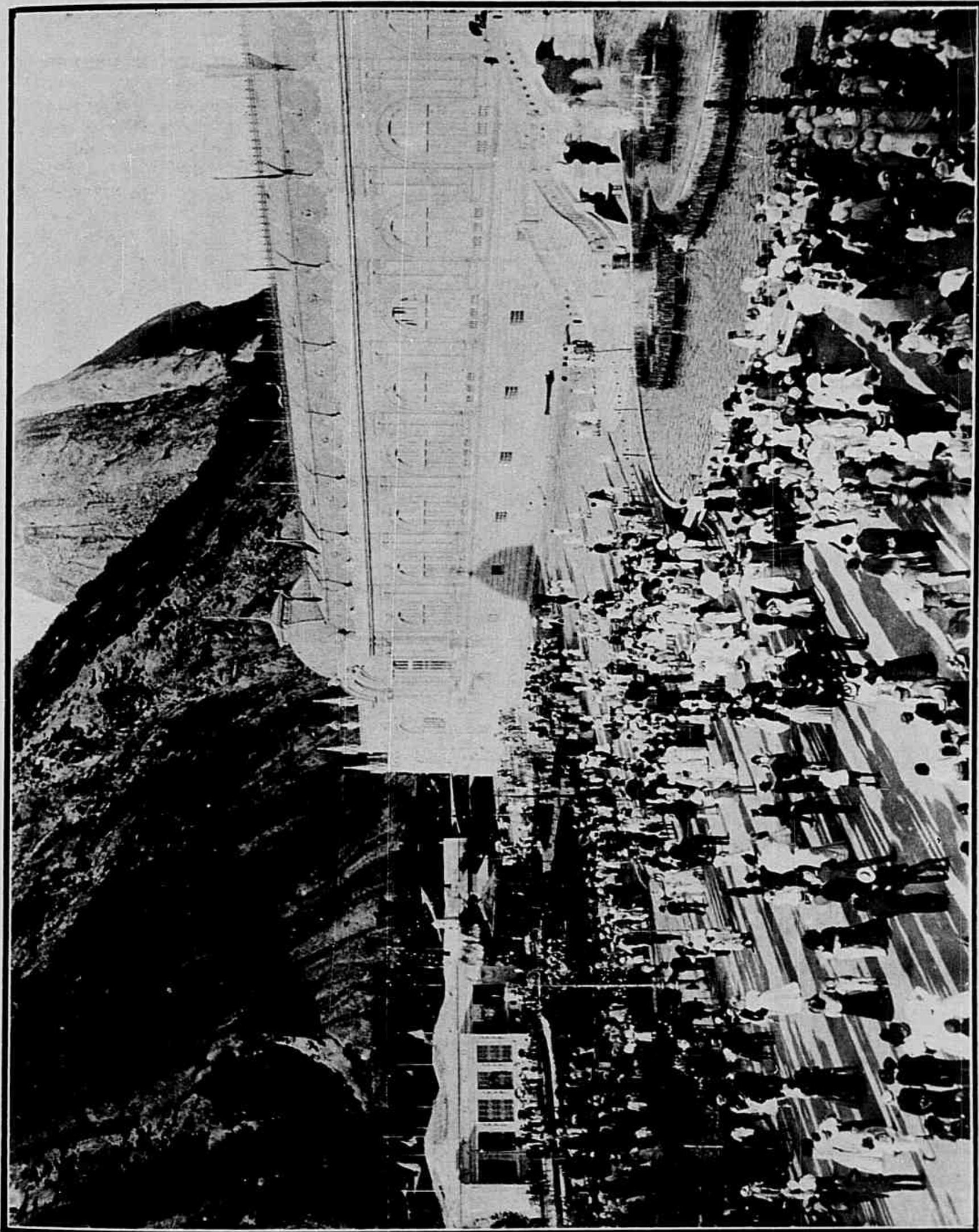
E' cousa simples o preparo da jacuba: rapadura raspada, farinha de milho, gottas de succo de limão e agua, tudo bem mexido.

E' um refrigerante por excellencia.

EDUARDO SOCRATES.



Exposição Nacional



UM DOMINGO

# A SAUDE DA MULHER

E' O MEDICAMENTO INFALLIVEL NAS MOLESTIAS DO UTERO. E' SUPERIOR A' ERGOTINA NAS HEMORRHAGIAS, MAIS ACTIVO DO QUE O "APIOL" E "APIOLINA" NAS SUSPENSÕES E MENSTRUACÕES DIFFICEIS, MAIS EFFICAZ QUE OS "FERRUGINOSOS" E A "QUINA" NAS FLORES BRANCAS E DE EFFEITO MAIS PROMPTO E DURADOURO DO QUE A MORPHINA E TODOS OS CALMANTES NAS COLICAS UTERINAS E FINALMENTE. 

FACILITA PRODIGIOSAMENTE O PARTO

**BROMIL** O MELHOR XAROPE CONTRA  
 **COQUELUCHE**  
**E BRONCHITE** 

Cura qualquer tosse em 24 horas

 **VIDRO 2\$000** 

 LABORATORIO:

Em Porto Alegre — **DAUDT & FREITAS**

DEPOSITO GERAL:

Rio de Janeiro - **DROGARIA PACHECO**